museu
QUINTA DAS CRUZES

BOLETIM N.º 18 • MAIO 2025

TERESA PAIS
Diretora do Museu Quinta das Cruzes

Editoral

4 Regime Jurídico do Património Cultural Imaterial: Breves Anotações – Élia de Sousa

7 Poul August Plum (1815-1876). Um pintor dinamarquês na Madeira, em julho de 1845 – Eberhard Axel Wilhelm

9 Dr. Luís Henriques, cirurgião do Hospital de Santa Isabel, da Santa Casa da Misericórdia do Funchal – Luís Timóteo Ferreira

12 A visita de María del Carmen Polo y Martínez-Valdés à Ilha da Madeira: a Festa de Chá na Quinta das Cruzes (1958) – Jessica Gomes Silva

16 O Carnaval na Quinta das Cruzes (1933) – Jessica Gomes Silva

20 Conservação Preventiva: Procedimentos de Limpeza das Esculturas de Marfim da Coleção do Museu Quinta das Cruzes – Joana Veiga França

24 A Mediação Cultural no MQC. Um trabalho de proximidade e continuidade – Gabriela Nóbrega Neves

27 Um postal, uma história: *A coleção de Jóias e Objetos de Adorno* – Jessica Gomes Silva

30 Em foco – *Os Jardins da Quinta das Cruzes* – Filipa Ledezma

Índice

O Futuro dos Museus em Comunidades em rápida transformação foi o tema escolhido pelo ICOM (Conselho Internacional dos Museus) para reflexão, no Dia Internacional dos Museus, sugerindo que os museus reconheçam a necessidade de ultrapassar o seu papel tradicional e se transformem em agentes de mudança, adaptando-se às novas realidades e necessidades do presente e do futuro.

Os museus desempenham um papel fundamental na sociedade, enfrentando, desde sempre, desafios e oportunidades num mundo em constante evolução histórica, social, cultural, ambiental e tecnológica. Foi assim no passado e será assim no futuro. São instituições dinâmicas que acompanham e refletem as transformações das comunidades onde estão inseridas, são espaços de memória, de reserva de identidade e de resistência ao tempo.

A defesa do ***património cultural imaterial*** *como fonte de inspiração e de testemunho da herança cultural coletiva, o* ***poder transformador dos jovens*** e a importância da ***utilização das novas tecnologias*** são fatores que podem favorecer uma participação mais ativa dos cidadãos, mais inovadora e de aprendizagem mútua. A interação com a comunidade promove o entendimento e o respeito pela diferença e diversidade cultural, contribuindo para a construção de um futuro mais inclusivo e sustentável.

O Museu Quinta das Cruzes associa-se, no dia 17 de maio (sábado), às comemorações da Noite Europeia dos Museus e do Dia Internacional dos Museus, duas importantes efemérides no âmbito da museologia à escala global, com entradas livres e gratuitas aos diferentes espaços, oferecendo visitas guiadas para o público em geral e outras atividades, de natureza lúdica e pedagógica, dirigidas aos mais jovens e às respetivas famílias, em horário alargado, possibilitando uma maior acessibilidade e fruição deste espaço museológico.

O programa inclui ainda a publicação dos Boletins MQC N.º 18 e do Boletim Infantil N.º 15, que têm o objetivo de relevar a importância patrimonial do Museu Quinta das Cruzes, através da divulgação e do conhecimento da sua história, das suas coleções e das atividades que leva a cabo, constituindo-se como um espaço de diálogo e de comunicação com os públicos.

Nesta edição, destacamos a participação dos investigadores e especialistas externos, cujos artigos muito contribuíram para o conhecimento técnico-científico mais aprofundado do nosso acervo museológico e para a importância e divulgação do Património Cultural Imaterial na Região: *Regime Jurídico do Património Cultural Imaterial: Breves Anotações* (Élia de Sousa); *Poul August Plum (1815-1876). Um pintor dinamarquês na Madeira, em julho de 1845* (Eberhard Axel Wilhelm); *Dr. Luís Henriques, cirurgião do Hospital de Santa Isabel, da Santa Casa da Misericórdia do Funchal* (Luís Timóteo Ferreira). Aos respetivos autores endereçamos o nosso reconhecido agradecimento.

Não quero deixar de referir e agradecer a participação das técnicas superiores do MQC que viabilizaram estes dois projetos, contribuindo com artigos de investigação e de análise sobre as principais áreas funcionais do museu, da autoria de Gabriela Nóbrega Neves, Jessica Gomes Silva e Joana Veiga França (Boletim MQC N.º 18), e com a criação de novos conteúdos, contos, jogos e atividades lúdico-pedagógicas (Boletim Infantil N.º 15), da autoria de Andreia Morgado, que este ano contou com a participação especial da licenciada em História, Filipa Ledezma (em estágio profissional no MQC).

Ao designer Márcio Ribeiro quero agradecer a sua disponibilidade e reconhecer a qualidade do seu trabalho na criação de uma nova imagem gráfica dos boletins.

Agradeço a todos os funcionários do MQC, que nas diferentes áreas funcionais, com esforço e dedicação, tornam possível, todos os dias, a abertura do museu ao público e contribuem decisivamente para a sua valorização e divulgação.

ÉLIA DE SOUSA
Antropóloga / Técnica Superior
da Direção Regional da Cultura/ DSPC/DEP

Regime Jurídico do Património Cultural Imaterial

Breves Anotações

Formação em Património Cultural Imaterial "Ver de perto para contar certo"
Foto publicada por João Baptista Silva, Funchal, 2023.

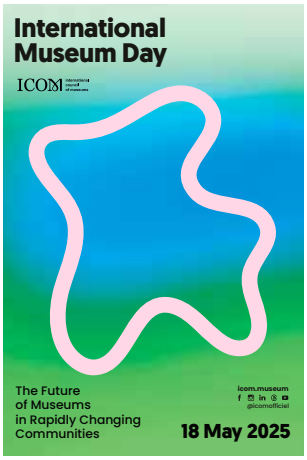
O ICOM - International Council of Museums celebra, desde 1977, o Dia Internacional dos Museus, a 18 de maio, vindo a apresentar uma diversidade de temas que permite a discussão e reflexão em torno dos museus. Este ano, 2025, a temática abordada, *The Future of Museums in Rapidly Changing Communities*, pretende refletir sobre posicionamento dos museus como participantes ativos nas comunidades onde se inserem, bem como o seu contributo nas mudanças sociais, tecnológicas e ambientais. Assim sendo, este ano, o ICOM destaca três subáreas temáticas:

Património Imaterial: a promoção do património intangível como fonte dinâmica de inspiração e como testemunho de uma herança cultural coletiva, no passado, no presente e no futuro.

Juventude: o poder transformador dos jovens no coração da atividade dos museus, transformando-os em centros vibrantes de inovação, de cooperação, de desenvolvimento e crescimento económico, social e cultural.

Novas Tecnologias: a sua importância na transformação dos museus em *hubs* sustentáveis e inovadores, enquanto espaços promotores de uma participação cidadã ativa e de

Cartaz do ICOM para assinalar o Dia Internacional dos Museus, 2025



aprendizagem para todos os públicos[1].

Tendo como foco a primeira subárea apresentada, faremos uma breve abordagem ao Regime Jurídico do Património Cultural Imaterial a nível internacional, nacional e regional.

Património Cultural Imaterial (PCI): Convenção UNESCO 2003

Quando falamos da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, referimo-nos a um marco histórico da UNESCO em 2003, aquando da 32.ª sessão, em Paris, a 17 de outubro, em que reuniu os países membros e considerou, efetivamente, o património cultural imaterial fundamental para a diversidade cultural e garante do desenvolvimento sustentável. Nesta reunião foram reconhecidos todos os processos de globalização e de transformação social, bem como os fenómenos de degradação e de desaparecimento do património cultural imaterial, tendo consciência da necessidade da sua salvaguarda, seguindo processos de identificação, registo, inventariação, que permitirão a sua proteção legal, de forma a manter um forte sentimento de identidade das comunidades.

Segundo a Convenção da UNESCO, entende-se por Património Cultural Imaterial *«(…) as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu património cultural. Este património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, da sua interação com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana»*[2].

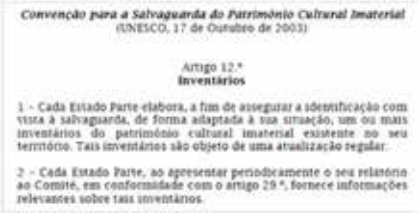
A definição de PCI apresentada pela UNESCO trata de preservar, proteger e salvaguardar todas as práticas, expressões, representações que se manifestam nos vários domínios estipulados, como as tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor, expressões artísticas de carácter performativo, práticas sociais, rituais e eventos festivos, conceções, conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo, competências no âmbito de processos e técnicas tradicionais, que são associadas a saberes e técnicas, a objetos e lugares e que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos, reconhecem como fazendo parte do seu património cultural, transmitido de geração em geração, sendo objeto de constante recriação, que proporcionam um sentido de identidade e de continuidade aos grupos e comunidades, não esquecendo a compatibilidade com instrumentos internacionais relativos aos direitos humanos. A Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial define como vetores de salvaguarda do PCI, numa primeira fase, a identificação das expressões culturais intangíveis, seguida de suporte documental e pesquisa. É necessário conhecer todos os elementos inerentes às manifestações de património imaterial, de forma a preservar, proteger e promover, tendo como intuito a valorização desse património, transmitido de geração em geração, na vertente da educação formal ou informal, mantendo as suas práticas ativas. Nos vetores estipulados, remete-se para a revitalização, sendo um conceito que poderá gerar múltiplas interpretações, no entanto, não se pretende resgatar manifestações que estejam inativas, essas fazem parte do passado, são apenas uma memória, antes pelo contrário, o pretendido é dar a conhecer e preservar aquelas que estão ativas, algumas eventualmente que estarão a extinguir-se, podendo através da sua valorização criar programas que mantenham a dinâmica dessas manifestações ao longo dos tempos.

Património Cultural Imaterial em Portugal

Em Portugal, a proteção legal do Património Cultural Imaterial, juridicamente válida em todo o território nacional, consiste na inscrição de uma expressão imaterial no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, tutelado pelo Ministério da Cultura, através do Património Cultural, I.P., segundo do quadro legal instituído pelo Decreto-Lei n.º 139/ 2009 de 15 de junho e retificado pelo Decreto-Lei n.º 149/2015, de 4 de agosto, e pela Portaria n.º 196/2010, de 9 de abril.

Desde 2011, a inventariação do PCI em Portugal realiza-se com recurso a uma plataforma online, em linha de acesso público, *MatrizPCI*, com suporte no Matriz3 – Inventário, Gestão e Divulgação de Património, promovendo a realização do procedimento de proteção legal do património cultural imaterial, com recurso exclusivo às tecnologias da informação[3].

Nos termos do disposto pelo Decreto-Lei n.º 149/2015, de 4 de agosto, é obrigatória a inscrição de uma manifestação de património cultural imaterial no «Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial» (INPCI), previamente à sua eventual candidatura à «Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade» ou à «Lista do Património Cultural Imaterial que necessita de Salvaguarda Urgente», instituídas pela Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (UNESCO, 2003).



Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial
(UNESCO, 17 de Outubro de 2003)

Artigo 12.º
Inventários

1 - Cada Estado Parte elabora, a fim de assegurar a identificação com vista à salvaguarda, de forma adaptada à sua situação, um ou mais inventários do património cultural imaterial existente no seu território. Tais inventários são objeto de uma atualização regular.

2 - Cada Estado Parte, ao apresentar periodicamente o seu relatório ao Comité, em conformidade com o artigo 29.º, fornece informações relevantes sobre tais inventários.

A implementação e a operacionalização do Inventário Nacional, segundo o cumprimento do Art.º 12.º da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (UNESCO, 2003), decorrem da sua ratificação, por parte do Estado

1 – ICOM Portugal. Disponível em: Dia Internacional dos Museus, 2025-2027 | ICOM Portugal – https://tinyurl.com/6acx6fne

2 – Comissão Nacional da UNESCO. Disponível em: *Património Cultural Imaterial - Proteger o nosso património e promover a criatividade - Temas - Comissão Nacional da UNESCO* – https://tinyurl.com/39dj6c5s

3 – Disponível em: Matriz PCI – https://tinyurl.com/482njh4s

Português (2008), enquanto Estado Membro[4].

Património Cultural Imaterial na Região Autónoma da Madeira

Na Região Autónoma da Madeira, o regime jurídico para a salvaguarda do Património Cultural Imaterial foi instituído pelo Decreto Legislativo Regional n.º 40/2016/M, sendo publicado em Diário da República na 1.ª série - n.º 233 - 6 de dezembro de 2016. Deste modo, foi estabelecido a salvaguarda e procedimentos de inventariação do património cultural imaterial da Região Autónoma da Madeira, regendo-se pelos critérios e domínios da Convenção da UNESCO de 2003. Deste regime jurídico destacamos o Artigo 2.º, referente aos «Princípios Gerais»:

> a) Documentação, através da identificação, registo e estudo do património com vista à respetiva salvaguarda;
>
> b) Equivalência, ao considerar o valor intrínseco dos diferentes tipos de manifestações do património cultural imaterial num plano de igualdade, independentemente do tempo, lugar e modos da sua produção ou reprodução, bem como do contexto e dinâmica específicos de cada comunidade ou grupo;
>
> c) Participação, através do estímulo ao envolvimento das comunidades, dos grupos e dos indivíduos no processo de documentação e de inventariação;
>
> d) Transmissão, através de medidas que promovam as condições de reprodução das manifestações do património cultural imaterial;
>
> e) Acessibilidade, através da divulgação do património cultural imaterial, de modo a garantir o seu estudo e valorização[5].

Considerando o Regime Jurídico para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial regional, logo depois, em 2018, foi apresentada a Resolução da Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira n.º 14/2018/M, "Inventariação, classificação e divulgação de várias tradições como Património Cultural Imaterial", publicada no JORAM, I Série, n.º 88, 5 de junho de 2018, e no Diário da República, Série I, n.º 107, 5 junho de 2018.

> Considerando a riqueza das muitas manifestações e expressões culturais de que são exemplo máximo as tradições da "Festa" — Natal Madeirense, — as Práticas Agrícolas e de Vinificação do Vinho Madeira, o Cultivo e Produção da Cana-de-açúcar, a Manufatura do Bordado Madeira, a Obra de Vimes da Camacha, os Carros de Cesto do Monte, a Arte dos Embutidos, as Artes de Pesca do Peixe Espada Preto em Câmara de Lobos, a Gastronomia Regional, as Festas de São João no Porto Santo, os Fachos de Machico, a Festa da Piedade no Caniçal, a Dança das Espadas na Ribeira Brava, a Festa dos Compadres de Santana, as Charolas do Arco da Calheta, a Festa do Panelo do Seixal e os Jogos Tradicionais da Ponta Delgada[6].

Atualmente, a Secretaria Regional de Turismo, Ambiente e Cultura, através da Direção Regional da Cultura / Direção de Património Cultural / Divisão de Estudos do Património, está a desenvolver trabalhos de forma a assegurar um plano para a salvaguarda do património cultural imaterial da região, com envolvimento da comunidade, através de formações e ações de sensibilização, como, por exemplo, a «Formação em Património Cultural Imaterial "Ver de perto para contar certo"» (5.ª edição, 2025) e os «Encontros de Património Cultural Imaterial no Arquipélago da Madeira» (3.ª edição, 2024), bem como o apoio e orientação metodológica à comunidade madeirense, sempre que solicitada, como são projetos e parcerias em curso com câmaras municipais e associações culturais, encetando processos de inventariação das expressões intangíveis regionais, além do acompanhamento das propostas ao Inventário Nacional de Património Cultural Imaterial (INPCI), tutelado pelo Ministério da Cultura, através do Património Cultural Imaterial, I.P..

4 – Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, UNESCO 2003:https://tinyurl.com/y3spuuby

5 – Decreto Legislativo Regional n.º 40/2016/M, Diário da República, Série I, n.º 233/2016, 6 de dezembro de 2016.
Disponível em: https://tinyurl.com/mryrvpbf

6 – Diário da República, 1.ª série, N.º 107, 5 de junho de 2018. Disponível em: https://tinyurl.com/yp35d5af

Imagem gráfica/ exercício no âmbito da formação em PCI "Ver de perto para contar certo". Design gráfico: Sara Henriques/DRC. Fotografia: Élia de Sousa/ DRC, Funchal, 2025.

EBERHARD AXEL WILHELM
Mestre em Linguística Portuguesa Descritiva
Técnico superior aposentado do Ministério dos Negócios Estrangeiros
Estudioso de temas culturais germano-madeirense

Poul August Plum (1815-1876)
Um pintor dinamarquês na Madeira, em julho de 1845

RESUMO Aos 16 anos, Poul August Plum entrou, em 1831, na Academia Real Dinamarquesa de Arte, onde foi aluno de J. L. G. Lund. Distinguiu-se, expôs, em 1834, e foi medalhado, em 1837. A seguir, trabalhou, até 1841, como escultor, na América. A Coleção Real de Pintura comprou-lhe dois quadros e foi contratado, como artista, para a volta ao mundo, de 1845 a 1847, a bordo da «Galathea», detendo-se, de 21 a 27 de julho de 1845, na Madeira. Com uma bolsa da Academia Dinamarquesa de Arte demorou-se, em 1850, sobretudo em Düsseldorf.

Palavras-chave Poul August Plum, dinamarquês, pintor, Ilha da Madeira.

Na tenra idade de 16 anos, o pintor de género, aguarelista e desenhador dinamarquês Poul August Plum (nascido em Copenhaga a 3 ou, mais provavelmente, 13 de maio de 1815 e falecido em Fredensborg a 27 de julho de 1876), entrou, em 1831, na Academia Real Dinamarquesa de Belas-Artes.

Era o primeiro de sete filhos do fundidor de castiçais, capitão e/ou negociante de vinhos Hans Jacob Plum (nascido em Copenhaga em 1783 e falecido na mesma cidade a 15 de novembro de 1835) e da sua mulher, Petra Magdalena ou Magdalene Plum, nascida Halse (nascida cerca de 1785, em 1786 ou 1791 e falecida em Fredensborg a 17 de fevereiro de 1864), que se casaram na Helligaandskirken, de Copenhaga, a 7 de agosto de 1813.

Na Academia Real, o jovem foi aluno do pintor dinamarquês Johan Ludvig Gebhard Lund (nascido em Quília – Kiel – a 16 de outubro de 1777 e falecido em Copenhaga a 3 de março de 1867), destacou-se, expôs, pela primeira vez, em 1834, p. ex., o quadro denominado *En dreng som saelger cigarer – Um rapaz que vende charutos*, e obteve uma medalha de prata, em 1837. No mesmo ano, interrompeu os estudos até à primavera de 1841, deslocando-se para a América do Norte, onde trabalhou com o escultor. Depois, finalizou o curso na pátria.

A Coleção Real de Pintura adquiriu-lhe dois quadros de cenas de género populares – *Et sjaellandsk hestemarked – Um mercado de Sjaelland*, de 1839, e *En laeredrengs afsked med mesteren – A despedida do mestre de um aprendiz*, de 1844. O rei e a corte devem ter gostado.

Talvez por isso, Plum foi contratado, em 1845, como artista da primeira volta dinamarquesa ao mundo a bordo da «Galathea», de 1845 a 1847, deixando a corveta o porto de Copenhaga a 24 de junho de 1845. Durante a viagem, o pintor desenhou retratos e motivos da natureza. O navio deteve-se, de 21 a 27 de julho do mesmo ano, na Madeira, onde o pintor criou o *Mercado de Fruta* que hoje se encontra no Museu Quinta das Cruzes.

Em 1850, a Academia Dinamarquesa de Arte concedeu-lhe uma bolsa para outra viagem e passou tempos em

Düsseldorf, Paris e Bruxelas, regressando à capital da Dinamarca, em 1854. Porém, a sua estada e trabalho sobretudo na cidade alemã conferiram à sua arte um toque estrangeiro que não agradava muito aos círculos dominantes.

Contudo e apesar de uma relativa fraqueza no desenho, o seu colorido algo humorístico e vigoroso, embora convencional, granjearam-lhe bastantes admiradores e amigos e o seu último quadro, *En Rejseerindring – Uma lembrança de viagem*, mostrava a maturidade de uma personalidade de artista independente.

Em 1850, casou-se com Mariana ou Mariane Laurentze Hasse (nascida a 2 de novembro de 1812 e falecida em Fredensborg, a 25 de fevereiro de 1872). Em segundas núpcias, consorciou-se, em Frederiksborg a 23 de setembro de 1873, com Emilie Hoppe (nascida em Sokkelund, Copenhaga, a 11 de fevereiro de 1836 e falecida na mesma povoação a 12 de maio de 1916). Com ela teve o filho August Börge Jacob Emil Plum (nascido em Asminderöd, Lynge-Kronborg, Frederiksborg, a 9 de agosto de 1875 e falecido após 1900).

Mercado de Frutas
Poul August Plum, 1853
Pintura a óleo sobre tela.
MQC 2192

LUÍS TIMÓTEO FERREIRA
Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20)
da Universidade de Coimbra

Dr. Luís Henriques, cirurgião do Hospital de Santa Isabel, da Santa Casa da Misericórdia do Funchal

O retrato de Luís Henriques, exposto na sala 4 do Museu Quinta das Cruzes, foi doado pelo Dr. Nuno José Sena Alves Caetano, no dia 29 de outubro de 2015.

O retrato mostra um homem de aparência jovial, embora já de meia-idade, loiro, talvez um pouco robusto e com traços físicos comuns aos homens do norte da Europa. É o único retrato conhecido do cirurgião e médico.

A vida de Luís Henriques está muito pouco documentada ou ainda não foram encontrados e estudados os documentos que poderiam lançar alguma luz sobre ela.

A minha investigação sobre a medicina, a cirurgia e a farmácia na Madeira no século XIX[1] encontrou algumas informações que permitem um melhor olhar sobre quem foi Luís Henriques e a sua importância para a história da medicina na Madeira.

Ao contrário de todos[2] os que escreveram sobre Luís Henriques, a minha investigação descobriu e referenciou documentos que atestam não só a sua origem, como também outros factos da sua vida.

Luís Henriques nasceu em Kristiania, denominação antiga da cidade de Oslo, capital da Noruega, provavelmente no ano de 1787, tendo sido batizado na catedral da cidade no dia 2 de novembro daquele ano. O seu nome de batismo era Jens Werring, a sua mãe chamava-se Anna Kierstina Stilling e o seu pai Johan Henrich Lexau, sapateiro de profissão[3].

Até prova em contrário, esta informação parece ser a mais plausível, tendo em conta os elementos indiretos que permitiram encontrar este registo de batismo.

Em primeiro lugar, o que está escrito no seu registo de casamento com Jacinta Coimbra a 23 de agosto de 1814: a referência a «Kristiania, do Reyno da Dinamarca» e aos pais «Joan» e «Anna»[4]. Relembre-se que, à época, a Dinamarca e a Noruega estavam unidas.

É certo que no seu registo de batismo, realizado no Funchal a 15 de fevereiro de 1806, é referido o sacramento dado a «Luís, adulto de mais ou menos treze anos […] vindo mais pequeno para esta Ilha, por isso não sabe dizer quem são os seus pais»[5]. Parece improvável que, em 1806, Luís Henriques tivesse menos de treze anos, pois no ano de 1807 começou a «atender a enfermaria militar […] debaixo da direção do cirurgião aprovado Gregório da Costa Faria»[6]. No mesmo conjunto de documentos, que consiste no processo de requerimento que Luís Henriques instruiu para solicitar o cargo de físico-mor do reino, em 1828, está referido que ele assentou praça em 1816 aos 25 anos.

1 – FERREIRA, Luís Timóteo (2023). *Medicina, Cirurgia e Farmácia na Madeira. A Escola Médico-Cirúrgica do Funchal (1837-1910)*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.

2 – Fernando Augusto da Silva, João Cabral do Nascimento, Luís Peter Clode, José Pereira da Costa e Bandeira de Figueiredo escreveram pequenas notas sobre Luís Henriques, inscritas noutros escritos, e invariavelmente repetindo os mesmo erros ou informações de origem oral e sem referências.

3 – Cf. https://rb.gy/ju7u8o.

4 – ABM, Paróquia de Santa Luzia, Registo de casamentos, Livro 4.º +de registo de casamentos de Santa Luzia (1810/1828), fls. 31-31v.

5 – ABM, Paróquia de São Pedro, Registo de Batismos, Livro 16.º de registo de batismos de São Pedro (1804/1808), fl. 73.

6 – AHU, CU, Madeira, *Requerimento de Luís Henriques em que solicita o lugar de Físico-Mor na Madeira*, cx. 30, doc. n.º 1909.

Mas há mais documentos que permitem fazer cálculos para aferir a sua idade e a probabilidade da veracidade do registo de batismo em Kristiania em 1787.

Por exemplo, no final do seu «Plano» ou «Relatório» para a reforma do Hospital de Santa Isabel, Luís Henriques afirmou: «Eu prometo em dois ou três meses fazer um regulamento e oferecê-lo a essa Ilustre Mesa, não tirando de outros, mas tudo meu, aprendido em dezanove anos de Hospital, servindo oito anos de praticante, que bem à minha custa aprendi todos os abusos que nestes estabelecimentos há»[7].

Os oito anos de praticante devem ser contados a partir de 1807, quando entrou para a enfermaria militar, que à época funcionava no interior do Hospital de Santa Isabel, e estenderam-se até antes de 1816, pois nesta data estava a ser examinado pelo médico Joseph Adams, que o certificou como cirurgião, no King's College, em Aberdeen, Escócia, e não na Universidade de Edimburgo, como tem sido sempre erradamente repetido[8]. Nestes registos, o seu nome aparece como Lewis Henry.

Há ainda um documento do fundo da Escola Médico-Cirúrgica do Funchal que refere, em 1840, as idades dos professores da Escola: aí consta a idade de 51 anos[9].

Portanto, embora a aritmética possível com base nesta documentação não seja totalmente precisa, tudo indica a plausibilidade de a data de nascimento de Luís Henriques situar-se em 1787 e ser aquele o seu registo de nascimento. Tanto mais assim é porque o destino da sua chegada à Madeira continua por esclarecer: desde Fernando Augusto da Silva e do *Elucidário Madeirense* que se repete, sem qualquer referência segura que não a memória transmitida oralmente, o caso do naufrágio de um navio na baía do Funchal, em finais do século XVIII, em que os pais de Luís Henriques teriam falecido, deixando-o órfão. O ainda jovem morgado João José Xavier de Carvalhal Esmeraldo de Atouguia Bettencourt Sá Machado, futuro Conde Carvalhal, condoído pela triste situação do rapaz, acolheu-o, batizou-o e educou-o. Estes factos podem ser fidedignos, mas não a orfandade de Luís Henriques, pois os pais continuaram a viver em Kristiania e constam, bem como os seus irmãos mais novos, de um censo de 1801[10]. Muito provavelmente, a crer na realidade do episódio do naufrágio, Luís Henriques estaria a trabalhar como grumete, ofício comum, diga-se, durante séculos, de jovens entre os 10 e os 15 anos que andavam embarcados.

Ora, como foi referido, no seu registo de batismo, em 1806, está escrito «adulto de mais ou menos treze anos […] vindo mais pequeno para esta Ilha»; porém, esta deveria ser a sua idade aquando do naufrágio, nos dois ou três anos finais do século XVIII ou mesmo na viragem. Sendo isto admitido e admissível, todos os outros documentos, ainda que imprecisos, corroboram a fixação da data do seu nascimento em 1787: mais ou menos treze anos na viragem do século, adulto em 1806 e com idade para começar o seu tirocínio de praticante de cirurgia na enfermaria militar, idade de mais ou menos vinte anos que, de resto, era o normal da entrada dos enfermeiros no Hospital de Santa Isabel, como a minha investigação documentou.

Estabelecida a sua origem em bases mais sólidas, passemos a um brevíssimo resumo do seu tirocínio profissional.

Como vimos, Luís Henriques praticou a cirurgia durante oito anos na enfermaria militar no Hospital de Santa Isabel. Esta prática formativa, como a minha investigação também demonstrou, era muito comum antes da institucionalização da Escola Médico-Cirúrgica do Funchal. Era uma caminho formativo diferente da formação dos médicos na Universidade de Coimbra; era muito mais prática e o contexto militar fornecia abundantes casos de estudo e de treino. Luís Henriques foi um exímio cirurgião e a sua certificação por via de um exame no estrangeiro, sob o patrocínio do médico escocês Joseph Adams, que residiu na Madeira e escreveu obras médicas sobre a ilha e um guia para inválidos[11], dava-lhe mais estatuto do que a certificação no país, caminho também possível, aliás comum em toda a Europa. A institucionalização da formação nas Escolas Médico-Cirúrgicas veio a esvaziar este caminho formativo, embora o modelo tenha sobrevivido em Portugal até à década de 1870.

Assim, em 1816, Luís Henriques tornava-se «doutor em medicina» pelo King's College de Aberdeen, grau que teve de ser reconhecido, através de um exame, pelos médicos João António Vieira, delegado do físico-mor do reino, Manuel Pereira da Graça e João Ângelo Curado de Meneses, examinadores formados pela Universidade de Coimbra. Os registos da sua carta de cirurgia e de medicina foram feitos em 1819 no Funchal[12].

A partir de 1816, Luís Henriques praticava a arte de curar privadamente, como é apanágio da medicina, uma das profissões mais liberais a par com a advocacia, mas esteve sempre numa relação de proximidade e de mestre-discípulo com o médico João Ângelo Curado de Meneses, cirurgião-mor do Batalhão de Artilharia da Madeira. Como estrangeiro que era, ser-lhe-ia impossível ter um cargo público, por exemplo, como cirurgião do Hospital de Santa Isabel; por isso, requereu a nacionalidade portuguesa, que lhe foi concedida por carta de naturalização de 22 de dezembro de 1821[13].

7 – ABM, EMCFUN, *Plano de reorganização do Hospital anexo à Santa Casa da Misericórdia do Funchal elaborado pelo Dr. Luís Henriques, doutor em Medicina e cirurgião do Hospital*, cx.1, cap. 5.

8 – Cf. ANDERSON, Peter John (1893). *Officers and Graduates of University and King's College of Aberdeen. 1450-1860*. Aberdeen: Printed for the New Spalding Club. p. 154.

9 – ABM, EMCFUN, cx. 7, cap. 6.

10 – Cf. https://rb.gy/wh8giw.

11 – Cf. ADAMS, Joseph (1801). *A Guide to Madeira: Containing a short account of Funchal, with instructions to such as repair to that island for health*. London: T.N. Longman and O. Rees, Paternoster – Row; ADAMS, Joseph (1801). *A Short Account of the climate of Madeira, with instructions to those who resort thither for the recovery of their health*. London: T.N. Longman and O. Rees, Paternoster – Row; ADAMS, Joseph (1801). «Observations on Pulmonary Consumption, and on the Utility of the Climate of Madeira for Phthisical Patients, addressed to a Physician in London». *The Medical and Physical Journal*, vol. V, XXVI - April, pp. 307-311; ADAMS, Joseph (1806). *Account of the Lazaretto in the Island of Madeira with an enquiry into the various diseases called leprosy*. London: W. Smith & Son.

12 – Cf. ABM, CMFUN, Registo geral de documentos da Câmara (tomo XIV), fl. 188v.-190.

13 – AHU, CU, Madeira-CA, cx. 44, doc. 12727. A

Luiz Henriques
Autor desconhecido, séc. XIX.
Desenho aguarelado sobre papel
MQC 3177

Com a Revolução Liberal de 1820, a situação política no país extremou-se, culminando no golpe absolutista de 1828. Em 1823, Luís Henriques tornou-se médico do partido da Câmara do Funchal[14]. Em 1824, o governador propôs ao Ministério do Reino, sem sucesso, o seu nome para dirigir uma «aula de cirurgia» no Hospital de Santa Isabel, na sequência dos grandes esforços feitos por Luís Henriques para a continuação da formação médico-cirúrgica no Hospital após o encerramento da «aula de cirurgia» instituída pelo bispo e provedor Meneses e Ataíde[15]. Em 1828, requereu, sem sucesso, o lugar de delegado do físico-mor do reino, tendo conseguido, em 1830, o lugar de delegado do cirurgião-mor e, em 1835, o de delegado do físico-mor, instituição que neste mesmo ano se extinguirá. Em 1838, é o delegado na Madeira do Conselho de Saúde Pública. Neste mesmo ano, a 24 de novembro, é-lhe passada a carta da 1.ª cadeira (anatomia, fisiologia, operações cirúrgicas e arte obstetrícia) da recém-criada Escola Médico-Cirúrgica do Funchal, da qual nunca foi o diretor, como tem sido erradamente afirmado, pois tal cargo nunca existiu, embora tenha sido ele a grande liderança da Escola nos seus primeiros anos e o homem que garantiu uma formação de quatro anos para os seus alunos, ao contrário das ideias de Lourenço José Moniz ou de António da Luz Pita, tal como a minha investigação demonstrou.

Muito ainda poderia ser dito sobre Luís Henriques, sobre o seu espírito reformador, do Hospital e da formação médico-cirúrgica e farmacêutica, sobre a sua prática médico-cirúrgica, sobre os seus descendentes. No espaço deste Boletim, pretendeu-se apenas chamar a atenção para o homem do retrato na sala 4, esse ilustre desconhecido da história médica da Madeira.

referência, em vários autores, a um decreto, remete, enganadoramente, para as coleções de legislação; porém, este tipo de «decreto especial» não figura nestas compilações, sendo antes, talvez, uma provisão. Está também transcrita e registada na Câmara Municipal do Funchal a 15 de fevereiro de 1822: cf. ABM, CMFUN, Registo geral de documentos da Câmara (tomo XV), fls. 16v.º-17. O documento depositado no AHU é uma pública forma extraída a 27 de outubro de 1824 pelo notário José Francisco de Andrade.

14 – ABM, CMFUN, Registo geral de documentos da Câmara (tomo XV), fls. 116-116v.

15 – Cf. FERREIRA, Luís Timóteo (2021). «As aulas médico-cirúrgicas no hospital da Misericórdia do Funchal (1812-1836)». *Arquivo Histórico da Madeira. Nova Série*, 3, pp. 175-215.

JESSICA GOMES SILVA
Técnica Superior do MQC
História e Investigação

A visita de María del Carmen Polo y Martínez-Valdés à Ilha da Madeira: a Festa de Chá na Quinta das Cruzes (1958)

No seguimento do último artigo publicado no Boletim n.º17 – "*A visita do Presidente da República, Craveiro Lopes à Ilha da Madeira: o Banquete na Quinta das Cruzes (1955)*" – nesta edição, optamos por outra visita realizada nos anos 50, María del Carmen Polo y Martínez-Valdés.

María del Carmen Polo y Martínez-Valdés (1900-1988), Senhora de Meirás e Grande de Espanha, filha de Ramona Martínez-Valdés y Martínez- Valdés e de Felipe Polo y Flórez de Vereterra. No ano de 1923, casou-se com Francisco Franco (1892-1975), ditador de Espanha entre 1939 e 1975[1].

Segundo Mariano Soler, "*En vida fue llamada la Dictadora del Dictador, Doña Collares y outros apelativos que hacían referencia a sua influencia sobre las decisones de su marido y sobre sus gustos en matéria de joyas.*"[2] Deste casamento nasceu uma filha, María del Carmen Ramona Felipa de la Cruz Franco Polo (1926-2017), duquesa de Franco, Marquesa de Villaverde e Grande de Espanha.[3]

A visita de María del Carmen Polo à Ilha da Madeira, ocorreu nos dias 16 a 21 de março de 1958, sendo uma visita

1 – LUÍS, Vitor; MOTA, Nuno; SANTOS, Filipe dos. – Carmen Polo de Franco (1900-1988), p.43; Real Academia de la Historia. – Francisco Franco Bahamonde. URL: https://rb.gy/al4iha.

2 – SOLER, Mariano Sánchez. – La Señora. María del Carmen Polo Martínez-Valdés, n.p.

3 – LUÍS, Vitor; MOTA, Nuno; SANTOS, Filipe dos. – Carmen Polo de Franco (1900-1988), p.43.

João Inocêncio Camacho de Freitas, Carmen Franco, a comitiva e os convidados chegam à Quinta das Cruzes, 16 de março de 1958
© Museu Quinta das Cruzes

Carmen Franco cumprimenta José Leite Monteiro, um dos membros da missão Diretiva do Museu da Quinta das Cruzes, 16 de março de 1958
© Museu Quinta das Cruzes

de "(…) *carácter particular* (…)".[4] Por outras palavras, Carmen Polo decidiu desfrutar de umas férias na ilha, ficando instalada no Reid's Palace Hotel.[5]

No dia 15 de março, segundo o jornal lisboeta (Diário de Lisboa) – "*Ultimam-se os preparativos para o alojamento da esposa do chefe de Estado espanhol e a sua comitiva* (…)"[6]. Carmen Polo Franco e a sua comitiva visitaram algumas freguesias dos seguintes concelhos: Funchal, Santana, Machico e Santa Cruz. [7]

No dia 16 de março de 1958, María del Carmen Polo y Martínez-Valdés e a sua comitiva, composta pelos Marqueses de Villaverde, D. María del Carmen Ramona Felipa de la Cruz Franco Polo e D. Cristobal Martinez-Bordin, o ministro das Relações Exteriores de Espanha, Fernando María Castiella y Maíz, María de la Soledad Quijano Secades, o embaixador de Portugal em Madrid, José Nosolini Pinto Osório da Silva Leão e a esposa, D. Maria Lívia Nosolini, entre outras personalidades, desembarcaram no cais da cidade do Funchal, a bordo do vapor "«*Vera Cruz*»" [8] , com a seguinte calendarização: Hotel Reids; assistir a partida de futebol entre os clubes:

4 – *Diário de Lisboa*, 15 de março de 1958, n.º 12668.

5 – LUÍS, Vitor; MOTA, Nuno; SANTOS, Filipe dos., p.43.

6 – *Ibidem*.

7 – FUNCHAL, Junta Geral do Distrito Autónomo do – *"A Visita à Madeira de Dona Carmen Franco",* pp.1-14.

8 – *Idem*, pp. 2-3; *Diário de Notícias da Madeira*, 17 de março de 1958, n.º 26978.

União e o Nacional, no Estádio dos Barreiros; a Festa de Chá no Museu Quinta das Cruzes e, por último, um passeio ao Pináculo.[9]

A visita à exposição do museu

Por volta das 17h00, Carmen Polo Franco, a comitiva e os convidados: Fernando Homem da Costa (Tenente-Coronel), António Teixeira de Sousa, António Bettencourt Sardinha[10], entre outras figuras proeminentes da sociedade madeirense, compareceram na Quinta das Cruzes.[11] Para além dos convidados, a Comissão Diretiva do Museu da Quinta das Cruzes, composta por Rui Manuel Vieira, António Aragão Mendes Correia e José Leite Monteiro, também compareceram no museu para participar na festa de chá, totalizando cerca de 20 pessoas.[12] Esta festa de chá foi organizada pelo casal, João Inocêncio Camacho de Freitas, Governador Civil do Distrito do Funchal, e a sua esposa, D. Joana da Conceição Pereira Mendes de Freitas.[13]

9 – *Idem*, pp.1-8.

10 – Gerente Comercial e Administrador do Banco da Madeira, entre os anos de 1940 a 1969. CLODE, Luiz Peter. – SARDINHA (António Bettencourt), p.429.

11 – *Idem*, p.6.

12 – *Diário de Notícias da Madeira*, 17 de março de 1958, n.º 26978; *Jornal da Madeira*,16 de março de 1955, n.º 7803.

13 – *Ibidem*; BRAVA, Conservatória do Registo Civil da Ribeira. – [Registo de casamento n.º 112: João Inocêncio Camacho de Freitas c.c. Joana da Conceição Camacho Pereira Mendes]. [Manuscrito]. 07-09-1953, Liv. 658. f.112-vº112; CLODE, Luiz Peter. – CAMACHO DE FREITAS (João Inocêncio) *in Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX.* Funchal: Caixa Económica do Funchal. 1983.p.96.

Primeiramente, Carmen Polo Franco, a comitiva e os convidados dirigiram-se à entrada do museu para subir ao Piso 1 – "*Transposto o jardim, que florescia em matizes inesperados, e subida a escadaria de pedra, os salões da Quinta das Cruzes abriam-se na sua preciosa sobriedade, à luz claríssima que partia dos ilustres de cristal.*"[14]. De seguida, visitaram a exposição do museu, percorrendo as salas do Piso 1 e Piso 0, num – "(…) *ambiente* […] *de grande distinção e decoração, integrada nos móveis e objectos expostos, de alto sentido crítico, a que a luz dos lustres de cristal dava brilho excepcional.*"[15], como também, "*Em todas as salas viam-se jarrões com flores raras e plantas de grande beleza.*"[16], com "(…) *antúrios* [que] *atraía irresistivelmente a vista ao canto duma sala. Na casa seguinte, abriam-se, em apoteose, longos ramos de ameixeira vermelha, etéreos e iresis. E no primeiro salão, plantas verdes, duma sobriedade perfeita, inclinavam-se palacianamente perante os visitantes.*"[17]

É importante recordar que nos anos 50, o Museu da Quinta das Cruzes, com a denominação inicial de 'Casa-Museu César Gomes', era a única instituição museológica na Ilha da Madeira sob tutela do estado português e da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal. Com o objetivo de garantir uma gestão mais eficiente do espaço museológico foi criada a Comissão

14 – *Ibidem*.

15 – *Jornal da Madeira*, 18 de março de 1955, n.º 7804.

16 – *Ibidem*.

17 – *Diário de Notícias da Madeira,* 17 de março de 1958, n.º 26978.

Carmen Franco, a comitiva e os convidados visitam a exposição do Museu da Quinta das Cruzes, 16 de março de 1958
© Museu Quinta das Cruzes

Carmen Franco, a comitiva e os convidados visitam a exposição do Museu da Quinta das Cruzes, 16 de março de 1958
© Museu Quinta das Cruzes

Carmen Franco, a comitiva e os convidados vislumbram o tríptico "Glorificação da Virgem" (MQC1049), 16 de março de 1958
© Museu Quinta das Cruzes

Sala decorada para a festa do chá, 16 de março de 1958
© Museu Quinta das Cruzes

João Inocêncio Camacho de Freitas e Carmen Franco durante a festa de chá, no Museu da Quinta das Cruzes, 16 de março de 1958
© Museu Quinta das Cruzes

A comitiva de Carmen Franco e os convidados durante a festa de chá, no Museu da Quinta das Cruzes, 16 de março de 1958
© Museu Quinta das Cruzes

Diretiva do Museu da Quinta das Cruzes que, no ano de 1958, era constituída por Rui Manuel Vieira (engenheiro-agrónomo), António Aragão Mendes Correia (historiador) e José Leite Monteiro (advogado e político).

A Festa de Chá na Quinta das Cruzes

Após a visita à exposição aos dois pisos, María Polo Franco, a comitiva e os convidados encaminharam-se para a "*sala de jantar*", no Piso 1. A sala estava decorada com as "(…) *mesas de chá* [em vinhático] *para vinte pessoas,* [que] *eram a maiz feminina expressão madeirense* (…)", com a exibição de algumas peças que pertencem à coleção do museu. As mesas estavam encobertas por "*Lindas toalhas de bordado ilhéu* (…)"[18] que, para o efeito, foram "(…) *bordadas a primor por mãos de mulheres madeirenses*"[19]. Nas mesas eram visíveis as peças de porcelana da marca, Vista-Alegre,[20]peças "(…) *antigas* [que] *formavam um conjunto surpreendente.*"[21]

Ao nível da gastronomia, "*A doçaria, do mais fino e tradicional receituário madeirense, todo confeccionada por mãos de senhoras da nossa melhor sociedade, estava disposta com graças á volta de pequenas taças de neméssias. Na mesa de honra, uma taça grande oferecia rainúnculos.*"[22]

Na leitura das notícias publicadas sobre a festa, foi mencionado que um dos assuntos de conversa foi a admiração de Carmen Polo Franco e da sua comitiva pelos jardins e o orquidário.[23]

A visita ao Orquidário da Quinta das Cruzes

Com o fim da festa de chá, a esposa de Francisco Franco, a comitiva e os convidados visitaram o orquidário do museu[24], desfrutando da beleza natural – "(…) *os jardins e o maravilhoso orquideário daquela quinta que deixou os seus visitantes verdadeiramente surpreendidos e encantados.*"[25] Um jornalista do 'Diário de Notícias da Madeira', afirma que

> "*E 'impossível à jornalista descrever o espectáculo único deste recinto, em que milhares de orquídeas desabrocham exuberantemente, contra uma cascata verde de fetos. O orquideário é simplesmente fabuloso! E isso sem falar no tapete adorável de antúrios, que se espalha aos nossos pés.*" [26]

A visita de María del Carmen Polo y Martínez-Valdés e da sua comitiva foi noticiada nos jornais espanhóis, descrevendo a festa do chá na Quinta das Cruzes – "*Después fueron a tomar el té en la histórica residencia del descobridor de la isla, Gonsalves Zarco.*"[27]

No dia 21 de março, no dia do embarque, no vapor "«*Santa Maria*»", "(…) *achava-se já a monumental «corbeille» de orquídeias – 365 hastes com 6.500 flores – provenientes do orquideário da Quinta das Cruzes* (…)" [28], num salão anexo, viajando para Vigo.[29]

18 – *Ibidem*.
19 – *Jornal da Madeira,* 18 de março de 1955, n.º 7804.
20 – *Ibidem*; *Diário de Notícias da Madeira,* 17 de março de 1958, n.º 26978.
21 – *Ibidem*; *Ibidem*.
22 – *Ibidem*; *Ibidem*.
23 – *Ibidem*.
24 – *Jornal da Madeira,* 18 de março de 1955, n.º 7804.
25 – FUNCHAL, Junta Geral do Distrito Autónomo do, p.6.
26 – *Diário de Notícias da Madeira,*17 de março de 1958, n.º 26978; *Jornal da Madeira,* 18 de março de 1955, n.º 7804.
27 – *El adelantado: Periódico de Intereses Morales y Materiales, Ciencias, Literatura y Artes,* 17 de marzo de 1958, n.º 994; *El Diario de Ávila: periódico independiente,* 17 de marzo de 1958, n.º 18174; *El Diario Palentino: defensor de los interesses de la capital y la provincia,* 17 de marzo de 1958, n.º 5273; *Hoja del Lunes,* 17 de marzo de 1958, n.º 758; *Hoja Oficial de la Provincia de Barcelona,*17 de marzo de 1958, n.º 994; *Pueblo: Diario del Trabajo Nacional,* 17 de marzo de 1958, n.º 5766.
28 – FUNCHAL, Junta Geral do Distrito Autónomo do, pp.13-14.
29 – *Diário de Notícias da Madeira,* 22 de março de 1958, n.º 26983.

Carmen Franco, a comitiva e os convidados visitam o Orquidário do Museu da Quinta das Cruzes, 16 de março de 1958
© Museu Quinta das Cruzes

Carmen Franco, a comitiva e os convidados visitam o Orquidário do Museu da Quinta das Cruzes, 16 de março de 1958
© Museu Quinta das Cruzes

Carmen Franco, a comitiva e os convidados visitam o Orquidário do Museu da Quinta das Cruzes, 16 de março de 1958
© Museu Quinta das Cruzes

Bibliografia

BOLETIM

FUNCHAL, Junta Geral do Distrito Autónomo do – A Visita à Madeira de Dona Carmen Franco in *Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal: Boletim* [Em linha], Funchal, 01 de março de 1958, n.º 3, pp.1-14, [Consult. 13-03-2025], Disponível em – https://rb.gy/8siwnq.

FONTE MANUSCRITA

BRAVA, Conservatória do Registo Civil da Ribeira. – [Registo de casamento n.º 112: João Inocêncio Camacho de Freitas c.c. Joana da Conceição Camacho Pereira Mendes]. [Manuscrito]. 07-09-1953. Acessível no Arquivo Regional da Madeira, Ilha da Madeira, Portugal. Liv. 658. f.112-vº112. Disponível em URL: https://tinyurl.com/dcy55k9p.

MONOGRAFIA

CLODE, Luiz Peter. – CAMACHO DE FREITAS (João Inocêncio) in *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX*. Funchal: Caixa Económica do Funchal. 1983.p.96.

CLODE, Luiz Peter. – SARDINHA (António Bettencourt) in *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX*. Funchal: Caixa Económica do Funchal. 1983.p.429.

LUÍS, Vitor; MOTA, Nuno; SANTOS, Filipe dos. – Carmen Polo de Franco (1900-1988) in *Ilustres Visitantes na Madeira – 1951 a 1991*. Funchal: Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira.2022. ISBN: 978-989-9063-25-9, pp. 42-45.

SOLER, Mariano Sánchez. – La Señora. María del Carmen Polo Martínez-Valdés in *La familia Franco S.A.: Negocios y Privilegios de la saga del último dictador de occidente.* Barcelona: ROCA BOLSILLO. novembro de 2020. EAN: 9788417821180. Disponível em https://tinyurl.com/mvpc43bv.

PERIÓDICOS

Diário de Lisboa, [Em linha], Lisboa: Fundação Mário Soares, 15 de março de 1958, n.º 12668, [Consult. 13-03-2025], Disponível em URL: https://tinyurl.com/49c6uxwn.

D*iário de Notícias da Madeira,* [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira, 17 de março de 1958, n.º 26978, [Consult. 13-03-2025], Disponível em URL: https://tinyurl.com/4hd3htr5.

Diário de Notícias da Madeira, [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira, 22 de março de 1958, n.º 26983, [Consult. 18-03-2025], Disponível em URL: https://tinyurl.com/2wafyany.

El adelantado: Periódico de Intereses Morales y Materiales, Ciencias, Literatura y Artes, [Em linha], Madrid: Biblioteca Virtual de Prensa Histórica, 17 de marzo de 1958, n.º 994, [Consult. 19-03-2025], Disponível em URL: https://tinyurl.com/muksbvk7 .

El Diario de Ávila: periódico independiente, [Em linha], Madrid: Biblioteca Virtual de Prensa Histórica, 17 de marzo de 1958, n.º 18174, [Consult. 19-03-2025], Disponível em URL: https://tinyurl.com/yc4bcb24.

El Diario Palentino: defensor de los interesses de la capital y la provincia, [Em linha], Madrid: Biblioteca Virtual de Prensa Histórica, 17 de marzo de 1958, n.º 5273, [Consult. 19-03-2025], Disponível em URL: https://tinyurl.com/yta82n2x.

Hoja del Lunes, [Em linha], Madrid: Biblioteca Virtual de Prensa Histórica, 17 de marzo de 1958, n.º 758, [Consult. 19-03-2025], Disponível em URL: https://tinyurl.com/4u6hr5xz.

Hoja Oficial de la Provincia de Barcelona, [Em linha], Madrid: Biblioteca Virtual de Prensa Histórica, 17 de marzo de 1958, n.º 994, [Consult. 19-03-2025], Disponível em URL: https://tinyurl.com/muksbvk7.

Jornal da Madeira, [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira, 16 de março de 1955, n.º 7803. [Consult. 14-03-2025], Disponível em URL: https://tinyurl.com/zrc3eyj4.

Jornal da Madeira, [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira, 18 de março de 1955, n.º 7804. [Consult. 18-03-2025], Disponível em URL: https://tinyurl.com/5n7dj223.

Jornal da Madeira, [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira, 21 de março de 1955, n.º 7897. [Consult. 18-03-2025], Disponível em URL: https://tinyurl.com/y8v8ku7d.

Jornal da Madeira, [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira, 22 de março de 1955, n.º 7808. [Consult. 18-03-2025], Disponível em URL: https://tinyurl.com/pyx8ms39.

Pueblo: Diario del Trabajo Nacional, [Em linha], Madrid: Biblioteca Virtual de Prensa Histórica, 17 de marzo de 1958, n.º 5766, [Consult. 19-03-2025], Disponível em URL: https://tinyurl.com/4c2xrh85.

WEBLIOGRAFIA

Real Academia de la Historia. – Francisco Franco Bahamonde. [Consul.19.03.2025]. Disponível em URL: https://tinyurl.com/3a9yf3av.

Real Academia de la Historia. – María del Carmen Polo Martínez-Valdés. [Consul.19.03.2025]. Disponível em URL: https://tinyurl.com/3nutabbe.

JESSICA GOMES SILVA
Técnica Superior do MQC
História e Investigação

O Carnaval na Quinta das Cruzes (1933)

"O Carnaval ocupa, com efeito, um lugar particular no conjunto de festividades que, ao longo dos tempos e em vários momentos do ano, unem as comunidades humanas, na medida em que se reveste de caraterísticas únicas e particulares que autorizam que seja considerado «a mais importante das festas» por vários autores que o estudaram."[1]

1 – *Apud* TRINDADE, Cristina. – Carnaval, p. 920.

Coreto da Banda Municipal do Funchal na Quinta das Cruzes, 21 de janeiro de 1930
© Museu Quinta das Cruzes

Lápide da Banda Municipal Artistas Funchalenses. Imagem retirada da plataforma "Arquipélagos"

Sede da Banda Municipal do Funchal na Quinta das Cruzes

Após o falecimento de Tristão Vaz Teixeira Bettencourt e Câmara, Barão de Jardim de Mar, a viúva e herdeira, Baronesa de Jardim de Mar, D. Sara de Vasconcelos e Câmara, tornou-se a única proprietária da Quinta das Cruzes, entre os anos de 1903 e 1933. No período de 30 anos, o espaço da Quinta das Cruzes foi alugado a diversos arrendatários, como, por exemplo, casas de bordados, hotel, entre outros. Neste artigo, selecionamos o ano de 1933, aquando da permanência da sede da Banda Municipal do Funchal, na dita quinta.[2] A permanência da sede da banda filarmónica decorreu entre os anos de 1929 e 1933.[3] Neste curto espaço de tempo, a Quinta das Cruzes passou por diversas alterações, como a construção de um coreto nos jardins e um espaço de recreio para os associados, uma escola de ensino primário, denominada por "*Escola de Santa Cecília*" e, posteriormente, por iniciativa de João Higino de Barros, o "*Cine-Cruzes*", foi também, instalado nos jardins, com a proposta idêntica ao "*Cine-Jardim*".[4]

As bandas filarmónicas realizavam o calendário das festas que eram consideradas importantes como a passagem de ano, o Carnaval, entre outras. Inicialmente, as comemorações festivas eram exclusivamente para os músicos e os seus respetivos familiares. Mais tarde, as festas expandiram-se para o público em geral, "(…) *a troco de um bilhete de entrada* (…)" tornando-se presença contínua nos eventos.[5] Para a elaboração deste artigo, optamos pela comemoração da festividade carnavalesca de 1933, na Quinta das Cruzes, organizado pela Banda Municipal no Funchal que, segundo os periódicos da época, a celebração festiva foi diferente dos anos anteriores – "(…) *ha muitos anos não se levam a efeito no Funchal diversões como as que se tencionara, promover durante esses dias de festa* (…)"[6] e "*Não resta duvida de que o Carnaval deste ano no Funchal vai tomar aspecto diferente do assinalado nos anos anteriores.*"[7]

O Carnaval na Quinta das Cruzes: 26, 27 e 28 de fevereiro de 1933

Segundo Cristina Trindade, no final do século XIX, a imprensa adotou como um dos temas de interesse, a comemoração do Carnaval.[8] É com base neste interesse que nos foi possível, compreender a dinâmica festiva que aconteceu no espaço da Quinta das Cruzes.

Em janeiro de 1933 foi nomeado uma "*Comissão de Festas*", cuja finalidade era organizar a festividade naquele ano. O Carnaval decorreu nos dias 26 (domingo), 27 (segunda-feira) e 28 de fevereiro (terça-feira).[9] Na Quinta das Cruzes, o

> "*Salão de Festas* (…) *ostenta uma caprichosa ornamentação, bem como lindos efeitos de lampadas multiculores e outros motivos alegoricos. Ha imenso entusiasmo por estas diversões, ás quais dão o seu concurso numerosas troupes que já se preparam para este fim. Estas festas são abrilhantadas pela orquestra jazz «Moreira Júnior».*"[10]

Os periódicos (Diário da Madeira e Diário de Notícias) mencionaram que a população madeirense tinha "(…) *um extraordinario interesse para os bailes «masquées».*"[11] A "*Comissão de Festas*" anunciou que a cidade do Funchal receberia uma visita monárquica, do "*Rei Zazah I*", o soberano do Carnaval, com o propósito de "(…) *assistir ás Festas do Entrudo*[12]".[13] Na sua estadia na cidade, a "(…) *Sua Magestade* (…) *habitará um Palacio alegorico que vai ser levantado no recinto do Cine no Parque das Cruzes.*"[14] A Comissão acrescenta que foi decidido "(…) *fazer-se uma brilhante recepção ao Rei Zazah, organisando-se um grande cortejo que irá receber sua majestade ao cais de desembarque.*"[15] No cortejo "(…) *podem tomar parte todas as pessoas que apareçam mascaradas, bem como grupos musicais e troupes excentricas* (…)"[16], percorrendo as ruas do Funchal e terminando no Parque das Cruzes – "(…) *deixando ali o Rei Carnaval até a terça-feira á meia noite. Para segunda-feira estão preparadas algumas diversões que, como as do domingo, farão atrair ás ruas consideravel numero de pessoas.*"[17]

26 de fevereiro, domingo

No primeiro dia, as comemorações iniciaram-se à noite, no Largo das Cruzes, de onde começou o cortejo para rececionar o rei do Carnaval, "*Zazah I*", sendo este "(…) *saudado pelo publico com confetis* (…)"[18].

Às 20h00, "*Zazah I*" foi rececionado e esteve acompanhado por um cortejo, com 10 grupos musicais, a tocar o hino – "*Imperio Carnavalesco*".[19] Este monarca percorreu o seguinte itinerário: Avenida Gonçalves Zarco, Avenida Arriaga, Rua do Aljube, Largo do Comércio, Rua da Queimada de Baixo, Rua de João Tavira, Rua da Carreira, Rua de 5 de Junho, Rua Nova de São Pedro, Travessa do Freitas, Rua Augusto José Vieira, Rua de São Pedro, Rua das Mercês, Travessa das Capuchinhas e Parque das Cruzes.[20]

2 – ARAGÃO, António de. - *O Museu da Quinta das Cruzes*, p.41.

3 – ALVES, Ângela: FERNANDES, Abel [*et.al.*]. – Quinta das Cruzes "Museu": O papel educativo do museu, p.8.

4 – *Museu Bandas Filarmónicas do Funchal.* – Sede – Banda Municipal do Funchal. Disponível em URL: https://www.museubandasfilarmonicas.pt/bandas/banda-municipal-do-funchal/sede-banda-municipal-do-funchal; RODRIGUES, Beatriz Pereira Malho. – *Cinema e Formação de Público: Perspectivas sobre a programação alternativa ao circuito comercial na Madeira no início do século XXI*, p.39.

5 – GONÇALVES, Marco António Ferreira. – *As bandas filarmónicas na Madeira. 2ª metade do Séc. XIX/ princípios do séc. XX,* p.16; SARDINHA, Vítor; CAMACHO, Rui. – *Rostos e Traços das Bandas Filarmónicas Madeirenses*, p.13.

6 – *Diário da Madeira*, 25 de janeiro de 1933, n.º 6399.

7 – *Diário da Madeira*,11 de fevereiro de 1933, n.º 6408.

8 – TRINDADE, Cristina, p.922.

9 – *O Jornal: Diário da Manhã,* 22 de janeiro de 1933, n.º 207; *Diário de Notícias da Madeira*, 22 de janeiro de 1933, n.º 17503.

10 – *Diário da Madeira*, 24 de fevereiro de 1933, n. º6419; *Diário de Notícias da Madeira*, 24 de fevereiro de 1933, n.º 17529.

11 – *Ibidem*.

12 – Para mais informações sobre a terminologia "Entrudo", consulte a seguinte informação: "Entrudo ou Carnaval?". Disponível em URL: https://portal.uab.pt/entrudo-ou-carnaval.

13 – *Diário de Notícias da Madeira*, 25 de janeiro de 1933, n. º17505.

14 – *Ibidem*.

15 – *Ibidem*.

16 – *Diário da Madeira*, 25 de janeiro de 1933, n.º6395

17 – *Diário de Notícias da Madeira,* 25 de janeiro de 1933, n.º 17505.

18 – *Diário da Madeira,* 25 de janeiro de 1933, n.º6399.

19 – *Diário da Madeira,*11 de fevereiro de 1933, n.º 6408; *Diário de Notícias da Madeira,*15 de fevereiro de 1933, n.º 17521.

20 – *Diário da Madeira,* 25 de fevereiro de 1933,

Miradouro das Cruzes, Freguesia de São Pedro, Concelho do Funchal, Álvaro Nascimento Figueira, entre as décadas de 1920 e 1940, MFM-AV (Museu da Fotografia da Madeira), em depósito ABM, ANF/330.

Rua do Aljube, Freguesia da Sé, Concelho do Funchal, Álvaro Nascimento Figueira, entre 1926 e 1933, MFM-AV (Museu da Fotografia da Madeira), em depósito ABM, ANF/312.

Avenida Gonçalves Zarco (atual Avenida Zarco) e Cais do Funchal, Freguesia da Sé, Concelho do Funchal, Álvaro Nascimento Figueira, entre 1933 e 1937, MFM-AV (Museu da Fotografia da Madeira), em depósito ABM, ANF/1067.

Na Quinta das Cruzes, "(…) *fixará residencia durante os dias dos folguedos carnavalescos* (…)"[21], no seu "*Palacio alegorico*"[22], no Parque das Cruzes. Na marcha, as pessoas mascaradas deveriam estar acompanhadas "(…) *dum balão veneziano afim de dar maior brilho ao cortejo.*"[23]

O rei do Carnaval, "*Zazah I*", permaneceu no seu palácio alegórico, durante os três dias de festividade, "(…) *recebendo na segunda feira gorda de tarde e á noite a visita das mascaras e troupes que queiram prestar-lhe homenagem.*"[24]

O Carnaval do ano de 1933, pela primeira vez, ficou marcado pela figura monárquica carnavalesca, sendo "(…) *uma inteira novidade no nosso meio, aparecerão varios grupos musicais carnavalescos orquestrinas, e troupes de mascaras, os quais se formarão em cortejo no Parque das Cruzes, pelas 8 horas da noite de domingo*."[25]

A partir das 21h00, no Salão de Festas, na Quinta das Cruzes ocorreram os bailes de máscaras. O salão estava decorado – "(…) *com alegorias proprias do carnaval. Haverá ali concertos por grupos musicais, batalha de confetis e serpentinas e outros atractivos* (…)"[26], "(…) *até de madrugada.*"[27]

27 de fevereiro, segunda-feira

No segundo dia, "*Durante a tarde e a noite o Rei Carnaval receberá no seu palacio a visita de todos os mascarados que queiram prestar-lhe homenagem.*"[28] Pelas 19h00, no Parque das Cruzes, "(…) *haverá um interessante arraial carnavalesco* (…) *no qual tomam parte muitos grupos musicais, troupes e numerosas mascaras* (…)"[29] que participaram num "(…) *concurso de várias musicas excentricas.*"[30]

Neste dia, "(…) *desembarcará no cais do Funchal uma excursão colonial acompanhada duma banda de musica* (…) [que] *percorrerá diversas ruas, indo tocar ao Parque das Cruzes.*"[31] A banda em questão chegou à cidade do Funchal, por volta das 17h30, concluindo o seu trajeto na Quinta das Cruzes para cumprimentar o "*Zazah I*" em conjunto, com outras trupes.[32]

28 de fevereiro, terça-feira

No terceiro e último dia festivo foi realizado um cortejo de carros alegóricos e não alegóricos.[33]

A partir das 15h00, começou o cortejo de carros alegóricos, com o seguinte percurso: saída no Largo das Cruzes, Travessa das Capuchinhas, Rua das Mercês, Rua do Comércio, Rua dos Netos, Rua 31 de Janeiro, Rua do Bom Jesus, Rua das Hortas, Rua do Carmo, Rua do Phelps, Rua do Bettencourt, Largo do Comércio, Rua do Aljube e Avenida Arriaga.[34] Ao longo do percurso, os carros "(…) *vão ser classificados. Em seguida far-se-ha*

n.º 6420; *Diário de Notícias da Madeira,* 25 de fevereiro de 1933, n.º 17530.

21 – *Diário da Madeira,* 25 de fevereiro de 1933, n.º 6420.

22 – *Ibidem*.

23 – *Diário da Madeira,* 11 de fevereiro de 1933, n.º 6408.

24 – *Diário de Notícias da Madeira,* 15 de fevereiro de 1933, n.º 17521.

25 – *Diário de Notícias da Madeira,* 24 de fevereiro de 1933, n.º 17529.

26 – *Diário da Madeira,* 25 de janeiro de 1933, n.º6399.

27 – *Diário da Madeira,* 25 de fevereiro de 1933, n.º 6420.

28 – *Diário da Madeira,* 25 de janeiro de 1933, n.º6399.

29 – *Diário de Notícias da Madeira,* 21 de fevereiro de 1933, nº17526.

30 – *Diário da Madeira,* 25 de fevereiro de 1933, n.º 6420.

31 – *Ibidem*.

32 – *Diário da Madeira,* 25 de fevereiro de 1933, n.º 6420; *Diário de Notícias da Madeira,* 25 de fevereiro de 1933, n.º 17530.

33 – *Diário da Madeira,*11 de fevereiro de 1933, n.º 6408; *Diário de Notícias da Madeira,* 25 de janeiro de 1933, n.º 17505.

34 – *Diário da Madeira,* 25 de fevereiro de 1933, n.º 6420; *Diário de Notícias da Madeira,* 25 de fevereiro de 1933, n.º 17530.

o côrso naquela Avenida organizando-se um cortejo que percorrerá as ruas principais da cidade travando-se batalhas carnavalescas."[35]. Depois da classificação, os carros regressaram ao Largo das Cruzes, com o seguinte itinerário: Avenida Arriaga, Rua de João Tavira, Rua do Dr. Vieira, Largo de São Paulo, Rua de 5 de Junho, Rua dos Aranhas, Rua do Dr. Vieira, Rua Dr. Câmara Pestana, Calçada de Santa Clara e Largo das Cruzes[36]. Na hora seguinte, iniciou-se o segundo cortejo, contando com a participação de carros alegóricos e não alegóricos, movimentando-se quase no mesmo trajeto, terminando entre a Rebela e o Ribeiro Seco.[37]

A partir das 18h00, iniciaram-se as "(…) *diversões populares* (…)", no Parque das Cruzes. Por volta das 20h00, começaram os bailes nos salões e as suas respetivas festividades pela cidade, incluindo na Quinta das Cruzes. Á meia-noite, estava previsto uma "(…) *grande surpresa carnavalesca naquele Parque, interpretada por Zazah 1.*"[38] Infelizmente, até o presente momento da redação, não há nenhum registo escrito do que terá sido a surpresa, ficando na imaginação do/a leitor/a.

35 – *Ibidem*; *Diário da Madeira,* 25 de janeiro de 1933, n.º 6399.

36 – *Ibidem*; *Diário da Madeira,* 25 de fevereiro de 1933, n.º 6420.

37 – *Ibidem*; *Ibidem*.

38 – *Ibidem*; *Ibidem*.

Bibliografia

DISSERTAÇÃO

RODRIGUES, Beatriz Pereira Malho. – *Cinema e Formação de Público: Perspectivas sobre a programação alternativa ao circuito comercial na Madeira no início do século XXI. Funchal: Universidade da Madeira.* janeiro de 2021. Dissertação de mestrado.

MONOGRAFIAS

ALVES, Ângela: FERNANDES, Abel. [*et.al.*]. – *Quinta das Cruzes "Museu": O papel educativo do museu*. Funchal: Direcção Regional dos Assuntos Culturais da Madeira. 1983.

ARAGÃO, António de. - *O Museu da Quinta das Cruzes*. Funchal: Edição Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal. 1970.

SARDINHA, Vítor; CAMACHO, Rui. – *Rostos e Traços das Bandas Filarmónicas Madeirenses. Funchal*: Direcção Regional dos Assuntos Culturais e Associação Municial e Cultural Xarabanda. 2001.

TRINDADE, Cristina. – Carnaval *in Madeira Global: Grande Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Lisboa: Theya Editores e Centro de Estudos Globais e Cátedra CIPSH de Estudos Globais. Vol.2. 2022, ISBN:978-989-9012-68-4, pp.919-926.

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA

GONÇALVES, Marco António Ferreira. – As bandas filarmónicas na Madeira. 2.ª metade do Séc. XIX/ princípios do séc. XX *in Revista Xarabanda*. Funchal: Associação Musical e Cultural Xarabanda. 2008. nº 17, pp.4-18.

PERIÓDICOS

Diário de Notícias da Madeira, [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 22 de janeiro de 1933. n.º 17503. [Consult. 13-03-2025], Disponível em – https://tinyurl.com/yr6wnsvk.

Diário de Notícias da Madeira, [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 25 de janeiro de 1933. n.º 17505. [Consult. 13-03-2025], Disponível em – https://tinyurl.com/ycs3cb2w.

Diário de Notícias da Madeira, [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 15 de fevereiro de 1933. n.º 17521. [Consult. 13-03-2025], Disponível em – https://tinyurl.com/3sw4v497.

Diário de Notícias da Madeira, [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 21 de fevereiro de 1933. n.º 17526. [Consult. 13-03-2025], Disponível em – https://tinyurl.com/4znmk5d8.

Diário de Notícias da Madeira, [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 24 de fevereiro de 1933. n.º 17529. [Consult. 14-03-2025], Disponível em – https://tinyurl.com/m297rxdz.

Diário de Notícias da Madeira, [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 25 de fevereiro de 1933. n.º 17530. [Consult. 14-03-2025], Disponível em – https://tinyurl.com/45mxkf4m.

Diário da Madeira, [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 25 de janeiro de 1933. n.º 6395. [Consult. 13-03-2025], Disponível em – https://tinyurl.com/5ep44r37.

D*iário da Madeira,* [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 11 de fevereiro de 1933. n.º 6408. [Consult. 13-03-2025], Disponível em – https://tinyurl.com/2dt3hydn.

Diário da Madeira, [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 24 de fevereiro de 1933. n.º 6419. [Consult. 13-03-2025], Disponível em – https://tinyurl.com/yc3ykm4v.

Diário da Madeira, [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 25 de fevereiro de 1933. n.º 6420. [Consult. 14-03-2025], Disponível em – https://tinyurl.com/bkaafsaf.

O Jornal: Diário da Manhã, [Em linha], Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 22 de janeiro de 1933. n.º 207. [Consult. 13-03-2025], Disponível em – https://tinyurl.com/msrx2h6n.

WEBLIOGRAFIA

Museu Bandas Filarmónicas do Funchal. – Historial – Banda Municipal do Funchal. [Consul.13.03.2025]. Disponível em URL: https://tinyurl.com/hpya4cua/.

Museu Bandas Filarmónicas do Funchal. – Sede – Banda Municipal do Funchal. [Consul.13.03.2025]. Disponível em URL: https://tinyurl.com/5by8vms6.

JOANA VEIGA FRANÇA
Técnica Superior do MQC
História da Arte / Conservação e Restauro

Conservação Preventiva: Procedimentos de Limpeza das Esculturas de Marfim da Coleção do Museu Quinta das Cruzes

Resumo Na sequência dos procedimentos de boas práticas na área da conservação preventiva das coleções do Museu Quinta das Cruzes é realizada a monitorização regular dos objetos, dos espaços expositivos e de reserva museológicos sendo que, ocasionalmente, alguns são alvo de uma intervenção mais profunda. Neste sentido, o presente texto centra-se nas ações de limpeza efetuadas a um conjunto de esculturas indo-portuguesas, em marfim, integradas na exposição permanente.
O marfim está entre os materiais que cedo fascinaram o ocidente tendo os portugueses assumido um papel preponderante na divulgação de objetos provenientes de um novo mundo, que fomentou o colecionismo e uma avidez pela pertença desses mesmos objetos.
Resultantes da expansão portuguesa no oriente e das trocas comerciais, estas esculturas espelham a hegemonia comercial, a propagação da fé cristã, a mestiçagem cultural e artística e o gosto pelos materiais exóticos.

Palavras-chave
Arte Indo-Portuguesa, escultura, marfim, conservação preventiva, Museu Quinta das Cruzes

Breve contextualização. Arte Indo-Portuguesa.

A arte Indo-Portuguesa é uma arte que resulta da miscigenação cultural[1] derivada da colonização dos portugueses no oriente, num vasto território geográfico referente ao antigo domínio do *Estado Português da Índia,*[2] *que engloba as conquistas e descobertas dos portugueses entre o Cabo da Boa Esperança e o Golfo Pérsico, de um lado da Ásia, e o Japão e Timor do outro, com capital em Goa*, que surge a partir do século XVI, com grande produção e divulgação nos dois séculos seguintes.

Na sua génese está a propaganda missionária cristã iniciada pelos Frades Menores Franciscanos, em 1510, igualmente levada a cabo pelos Jesuítas, Dominicanos, Agostinhos, Carmelitas Descalços e pelos Teatinos[3]. A imagem assumiu um importante meio de divulgação da mensagem de Cristo enquanto *iconografia de combate e de propaganda*[4], na evangelização e na conversão dos gentios.

A arte indo-portuguesa repercutiu-se desde as artes móveis à arquitetura, tendo chegado até nós diversos testemunhos com modelos e tipologias acentuadamente portuguesas. Esculturas em vulto perfeito ou em relevo, em marfim e madeira, peças de ourivesaria, em prata e ouro, mobiliário com embutidos, como oratórios, contadores, caixas, escritórios, em talha dourada, azulejos, têxteis, pintura e os elementos decorativos arquitetónicos de arquitetura religiosa, militar e civil.

Identificação das peças

Na imaginária[5], do ponto de vista estrutural, resultam peças maioritariamente de índole religiosa, com iconografias da vida de Cristo, da Virgem e de Santos, que ao serem interpretadas pelos gentios, refletem aspetos fisionómicos, indumentária e vivências orientais.

Em análise está um núcleo composto por dez esculturas indo-portuguesas, em marfim, pontualmente dourado e policromado, datadas dos séculos XVII e XVIII, intgradas na exposição permanente do Museu Quinta das Cruzes. São elas: Menino Jesus Bom Pastor (MQC137), Nossa Senhora da Conceição (MQC138 e MQC139), São Pedro (MQC1130), São Francisco Xavier[6] (MQC1131 e MQC1223), Santo

1 – Segundo a opinião da maioria dos historiadores de arte, é o resultado de múltiplas influências orientais tais como hindu, muçulmana ou mogol, e europeias refletindo os temas bíblicos e religiosos do cristianismo e ainda motivos decorativos manuelinos, renascentistas, barrocos, rococó e neoclássicos. (SERRÃO, 2017).

2 – SERRÃO, Vítor Manuel Guimarães Veríssimo – *Noções gerais sobre arte indo-portuguesa: a miscigenação artística.* Metodologia da História da Arte. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017, página 14.

3 – Ordem dos Clérigos Regulares fundada em 1524 por São Caetaneo, Bonifácio de Coli, Paulo Consiglieri e por João Pedro Carafa, então bispo de Teate, de onde provém o nome.

4 – OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro: *O Bom Pastor na Imaginária Indo-Portuguesa em Marfim* (Vol.I). Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (com financiamento do programa Praxis XXI). Porto, agosto de 1996.

5 – Entenda-se escultura de vulto ou de relevo sendo as estatuetas encontradas em maior número do que as placas.

6 – Francisco Xavier foi uma importante figura no âmbito da pregação da fé cristã no

Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

Fig. 4

Fig. 5

Fig. 6

Fig. 7

Fig. 8

Fig. 9

Fig. 10

António de Lisboa (MQC1188), Nossa Senhora das Dores (MQC1224 e MQC1225) e Menino Jesus *dormente* (MQC2256), este último de origem hispano-filipina (fig.10).

oriente. O seu culto foi muito difundido pela Companhia de Jesus nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Figuras:

1 - Nossa Senhora das Dores MQC1224;
2 – Nossa Senhora das Dores MQC1225;
3 – Nossa Senhora da Conceição MQC138;
4 – Nossa Senhora com o Menino MQC139;
5 – Menino Jesus Bom Pastor MQC137;
6 – Santo António de Lisboa MQC1188;
7 – São Francisco Xavier MQC1223;
8 – São Francisco Xavier MQC 1131;
9 – São Pedro (?)
10 – Menino Jesus MQC2256

Fig. 11 – Pormenor da fisionomia de S. Francisco Xavier. Escultura do séc. XVIII.

Fig. 12 – Pormenor dos debruns do manto e do pregueado da túnica de Nossa Senhora da Conceição MQC138.

Fig. 13 – Pormenor da cabeça do Menino Jesus.

Incorporam o acervo deste museu no âmbito de doações efetuadas por César Gomes, em 1946 e em 1962, por aquisições por parte da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, em 1952 e 1956, e do Governo Regional da Madeira, no ano 2000.

Principais características formais

Em marfim, de vulto perfeito e cariz religioso, estas esculturas variam entre 17 cm e 26 cm de altura, assumem destaque as representações Marianas, de Cristo em criança e hagiográficas. Esculpidas em bloco, algumas inteiras, outras possuem as mãos entalhadas à parte e unidas por pinos no mesmo material, geralmente seguem a curvatura da presa. Quatro assentam em peanha de madeira[7], cinco em base de marfim e, o Menino Jesus MQC2256, (fig.10) muito provavelmente terá tido uma camilha. Algumas possuem orifício no topo da cabeça para colocar resplendor, atualmente inexistentes. De fisionomias e indumentárias orientais, olhos amendoados, narizes retos com bases alares curvilíneas, olhos com pálpebras marcadas, sobrancelhas altas, mãos com dedos hirtos e polegares compridos, panejamentos tratados ora com alguma simplicidade e estilização formal, ora com pregueados em leque e debruados recortados, com cercaduras rendilhadas ou formadas por óvalos.

Ornamentos florais a dourado, preenchem as vestes de duas destas figuras, sendo uma característica acentuada no século XVIII e evidente nas imagens referentes a São Pedro, MQC1130 e São Francisco Xavier, MQC1131, (figs.8 e 9). Característica ainda da arte deste século e visível nestas duas esculturas reside na liberdade do tratamento das formas e das vestes, resultando em figuras com algum dinamismo e fluidez.

Nas figuras masculinas são comuns cabelos curvilíneos dourados, policromados de cinzento ou castanho, outras vezes sem policromia nem douramento. Nas representações da Virgem, surgem os cabelos compridos com madeixas cuidadosamente entalhadas, rematadas na frente com caracóis, por vezes sem policromia, outras vezes surgem dourados ou cobertos por touca ou manto.

Surgem representações de figuras com os pés descalços, mas também com sapatos de ponta arredondada, levantada, botas de sola grossa ou sandálias cuidadosamente tratadas.

A ornamentação, policroma ou dourada, quando surge é parcial cingindo-se aos cabelos, olhos, boca, sobrancelhas e à decoração da indumentária, enaltecendo a preciosidade do marfim polido.

Estado de conservação e procedimentos de conservação preventiva

Estas peças apresentam-se em bom estado de conservação apesar de, inevitavelmente, apresentarem patologias intrínsecas à sua passagem pelo tempo, como sujidades superficiais aderentes, amarelecimento[8] / escurecimento e manchas pontuais do material de suporte, fissuras no sentido longitudinal, abertura pontual de fendas, lacunas pontuais ao nível do suporte como também ao nível da policromia e douramento.

Tratamento efetuado

Considerando o estado de conservação destas peças, foi possível efetuar uma higienização mais aprofundada, que consistiu na sua limpeza mecânica com trinchas de cerdas macias para remover sujidades superficiais como poeiras. Pontualmente procedeu-se à remoção de sujidades aderentes com isopos humedecidos numa solução aquosa com detergente de pH neutro, limpando e secando simultaneamente a superfície. Após a sua secagem procedeu-se ao seu registo fotográfico, colocação na vitrina de exposição e foram medidos os valores de iluminação com luxímetro.

O marfim é um material higroscópico, sensível às oscilações de temperatura e de humidade relativa (H.R.) pelo que o controlo das condições-ambiente da sala onde estes objetos estão inseridos é crucial, no qual tentamos controlar e evitar alterações repentinas em prol de uma estabilidade preferencialmente constante. Valores ideais são utópicos. Neste museu, as peças encontram-se em equilíbrio com o meio que as rodeia, pois estão adaptadas. Estão expostas em vitrina, afastadas de fontes de luz solar direta, numa sala cujas janelas possuem películas de proteção UV[9], estão dotadas

7 – Não foram efetuadas análises microscópicas da madeira que constitui as três peanhas das esculturas em análise, contudo e segundo OSSWALD (1996), verificou-se a utilização de madeiras orientais como a teca e a madeira de sissó, o ébano é indiano também pode ter sido importado de África conjuntamente com o marfim.

8 – Patine de envelhecimento natural.

9 – Películas com triplo filtro UV capazes de

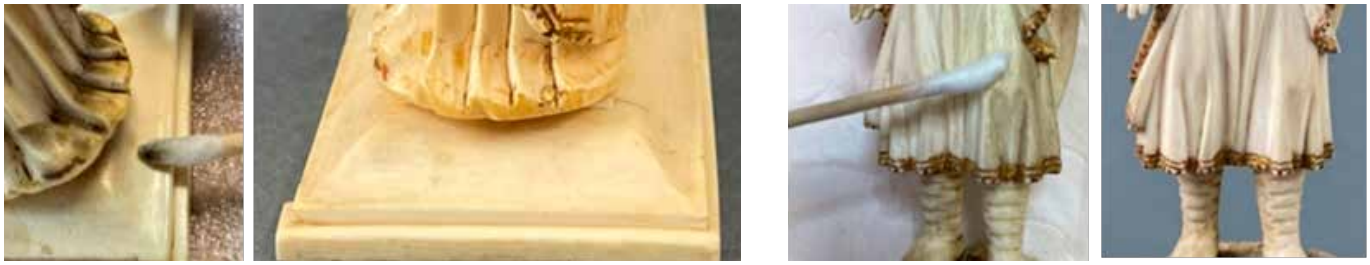


Fig. 14 – Registos durante a limpeza das peças, antes e depois.

de persianas e rolos *blackout,* sob focos de luz *led* com sensores que são acionados apenas com movimento pelo que, maioritariamente, esta sala está às "escuras". Estão estabelecidos valores de 50 lux e uma climatização que ronda os 19ºC - 20ºC, com valores de humidade relativa entre os 60 – 65%.

Material de suporte: O Marfim. Caraterísticas e curiosidades

O marfim é material dentário proveniente das defesas dos elefantes[10], constituído por uma matriz inorgânica, que lhe confere resistência e rigidez e, por uma componente orgânica que lhe capacita de crescer e de se regenerar. Distingue-se dos outros materiais similares através do peso (é mais pesado e denso) e o único que quando observado ao pormenor, consegue-se distinguir veios característicos como linhas entrecruzadas, mais brancas e opacas do que o material circundante, em corte transversal[11], mais comumente na base das esculturas onde a presa foi serrada (fig.16).

O marfim africano é considerado de melhor qualidade comparativamente com o marfim asiático por ser mais "mole" e fácil de se entalhar, além destas defesas conferirem uma maior quantidade de material para se trabalhar[12].

O marfim asiático apresenta uma cor branca mais opaca e amarela, de grão mais aberto quando comparado com o marfim africano. Por sua vez, o marfim do Sri Lanka apresenta-se como um rosa pálido, semelhante ao do Sião (atual Tailândia) e o marfim da Índia possui um tom mais lívido.

A sua comercialização atinge o apogeu durante a segunda metade do século XVII, *através de duas rotas principais que ligam*, *uma da Costa Suaili (Mombaça, Melinde, Patam, Ilhas Lamu) à Índia Portuguesa (Diu, Damão, Baçaim e Chaúl) como principais portos e, outra que a partir de Goa, liga a Ásia a Moçambique, à Zambézia e a Sofala*[13].

proteger contra radiações UVA, UVB e UVC, reduzindo a radiação em 99%.

10 – São os dentes incisivos superiores deste animal. No entanto, existem vários tipos de material identificado como marfim sendo o mais comum de elefante e o de mamute. A partir de 1851, surge o marfim sintético também denominado por marfim francês (feito com marfilina, pó de marfim, nitrato de celulose e/ou caseína pigmentada). Há ainda outros materiais com características similares ao marfim, mas divergentes na sua composição química e até física que é o caso do osso, os dentes de morsa, hipopótamo, narval, calão, cachalote, javali, até de rinoceronte (corno) e *Phytelephas macrocarpa,* também referido, mas de origem vegetal.

11 – CCI notes 6/1.

12 – OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro: *O Bom Pastor na Imaginária Indo-Portuguesa em Marfim* (Vol.I). Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (com financiamento do programa Praxis XXI). Porto, agosto de 1996. Página 42.

13 – *Idem*. Página 45.

Bibliografia

FERREIRA, Maria João – *Arte Indo-portuguesa*. Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa. 2009. Consultado em 24/03/25, 10:07 https://eve.fcsh.unl.pt/pt/artes/arte-indo-portuguesa

OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro: *O Bom Pastor na Imaginária Indo-Portuguesa em Marfim* (Vol.I). Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (com financiamento do programa Praxis XXI). Porto, agosto de 1996.

RIBEIRO, Conceição: *Considerações sobre a Escultura de marfim designada por "Indo-Portuguesa". Materiais e técnicas de execução.* (páginas 16 a 23). Conservação e Restauro, Cadernos. 2007 número 5, Instituto dos Museus e da Conservação.

RODRIGUES, Tiago Samuel Franco: *Do Livro para o Marfim. Gravuras tardo-medievais francesas em olifantes, hostiários e saleiros da Antiga Serra Leoa*. Mestrado em arte, Património e Teoria do Restauro. Fevereiro de 2018. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras.

SERRÃO, Vítor Manuel Guimarães Veríssimo – *Noções gerais sobre arte indo-portuguesa: a miscigenação artística.* Metodologia da História da Arte. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 26/10/2017. Consultado em 03/04/25, 11:44. https://fenix.letras.ulisboa.pt/courses/mharte-846873061495873

STONE, Tom - *Care of Ivory, Bone, horn and Antler* – Canadian Conservation Institute (CCI) Notes 6/1. Minister of Public Works and Government Services Canada, 2010. Cat. Nº NM 95-57/6-1-2010E. ISSN 0714-6221. Consultado em 20/03/25, 10:11. https://tinyurl.com/ykmtktmw.

https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Teatinos Consultado em 07/05/25, 12:00.

Fig. 15 – Medição da intensidade de luz com luxímetro.

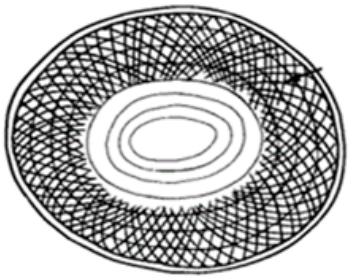


Fig. 16 – Desenho do corte transversal de uma defesa de elefante onde se vê o reticulado exclusivo do marfim de elefante, também designado por linhas de Schreger. Fonte : Care of Ivory, Bone, Horn and Antler – Canadian Conservation Institute (CCI) NOTES 6/1.

GABRIELA NÓBREGA NEVES
Técnica Superior do MQC
Serviço Educativo / Mediação Cultural

Mediação Cultural no MQC
Um trabalho de proximidade e de continuidade

"Parece-me que o ponto nodal de todas as discussões é um só: se a educação é um processo contínuo de humanização, como utilizar o museu dentro desse processo? Como ensinar a criança, o adulto, o cientista e o iletrado a lerem na peça exposta o momento histórico, social, artístico e humanístico que ela representa e ela é?"

(RÚSSIO, 2010)

Num mundo marcado por rápidas transformações sociais, culturais e tecnológicas, os museus enfrentam o desafio de se manterem relevantes e atualizados face às mudanças. Longe de serem meros depositários de objetos antigos, essas instituições ganham cada vez mais destaque como espaços dinâmicos de diálogo, inclusão e reflexão.

Nesse contexto, a mediação cultural é uma ferramenta essencial para aproximar o público das coleções e, ao mesmo tempo, fomentar uma consciência crítica e participativa sobre o património artístico.

A mediação cultural é compreendida como um processo de interação comunicativa que visa aproximar os públicos dos conteúdos museológicos por meio de estratégias educativas, sensoriais, afetivas e críticas. Segundo Hugues de Varine (2001), essa prática é essencial para que o museu cumpra sua função como agente de desenvolvimento cultural e social. Diferentemente de abordagens expositivas tradicionais, centradas na transmissão vertical de conhecimento, a mediação propõe uma relação dialógica com os visitantes, estimulando a sua participação ativa e valorizando diferentes formas de

saber (Freire, 1987). Isso é particularmente relevante no contexto dos museus, onde os objetos nem sempre despertam identificação imediata do público sem o devido processo interpretativo. É esse o trabalho realizado ao longo de mais de três décadas pelo Serviço Educativo do Museu Quinta das Cruzes.

Mas como é realizado o trabalho de Mediação Cultural no MQC?

A mediação cultural vai além da simples transmissão de informações. Trata-se de um processo de interação entre o público, as obras e o espaço museológico, com o objetivo de promover compreensão, apreciação e conexão com os objetos expostos. Esse processo envolve estratégias diversas – como visitas guiadas, ateliês de expressão plástica, sessões educativas e o uso da tecnologia – e é conduzido por uma equipa de profissionais, que utilizando várias técnicas pedagógicas e expressivas, estimulam o processo de aprendizagem, o diálogo e a reflexão crítica.

Uma das estratégias utilizadas para a exploração das coleções do Museu, para a interação e aproximação dos públicos com este espaço museológico e a sua integração como lugar de aprendizagem e de encontro, tem sido a elaboração e concretização de **projetos pedagógicos culturais** que potenciam não apenas o conhecimento das coleções, mas a exploração de toda a identidade cultural do MQC como garante de lugar de salvaguarda do património material, imaterial e natural que caracteriza a Quinta Madeirense e, em particular esta instituição museológica.

De entre os vários projetos, destacamos alguns realizados no ano de 2024 e que permitiram consolidar os públicos e fomentar uma frequência assídua e comprometida de alguns grupos como é o caso do projeto **"Construindo Memórias no MQC"** que, pelo terceiro ano consecutivo, foi realizado, juntamente com os utentes do Espaço Sénior das Cruzes e em cuja avaliação constatamos a potencialidade que um Museu de Artes Decorativas apresenta como recurso cultural, pedagógico e de desenvolvimento pessoal e emocional para este segmento de público, o público sénior.

Outro projeto iniciado no mesmo ano (2022), desta vez, fruto de uma parceria institucional com a Associação de Amigos do Museu Quinta das Cruzes | AAMQC foi o **"quintas na Quinta"**. Com uma dinâmica planificada pela própria associação, permite aos técnicos de mediação cultural do MQC promover, através de uma breve visita temática a peças de referência do museu, o intercâmbio de saberes e a troca de experiências entre os participantes.

"Learning in the Museum" foi outra proposta educativa de exploração das coleções. Iniciado em 2023 e concluído em 2024, este projeto foi solicitado pela International Sharing School. Realizado em língua inglesa, foi ao encontro da dinâmica e do currículo escolar específico desta instituição, dando a possibilidade aos alunos de conhecerem e explorarem a cultura e o património regional.

Dando continuidade a esta dinâmica de mediação cultural, este ano, iniciamos um novo projeto com o público escolar pertencente à comunidade envolvente, mais propriamente o Externato Júlio Dinis. **"Frente a Frente: Da Escola ao Museu"** é um projeto realizado em sessões temáticas, exploradas com recurso aos testemunhos culturais que integram as coleções do museu e complementadas com atividades lúdico-pedagógicas diversificadas. O trabalho de mediação está desenvolvido tendo como pressuposto de que o museu é um espaço de memórias, contextualizadas pelos objetos, que refletem o espírito do lugar e a sua importância histórica, bem como, espaço de conhecimento que pode estimular a aprendizagem e o gosto pelo património histórico e cultural. Este projeto envolve toda a comunidade educativa e está a ser realizado ao longo do ano letivo em curso.

Em termos estatísticos, constatamos, nos últimos anos, um aumento de pedidos de várias entidades com propostas para a realização de projetos em parceria, focados nos objetivos e especificidades dos grupos. Para o Serviço Educativo é uma oportunidade de realizarmos um trabalho de mediação cultural mais próximo, adaptado e cujo envolvimento dos participantes com o Museu e a suas coleções se torna mais significativo e continuado no tempo. Destaque-se o exemplo dos projetos "Construindo

Memórias no MQC" e "quintas na Quinta", que prosseguem em 2025, com temáticas e abordagens diferentes que enriquecem os participantes e o conhecimento que constroem acerca deste lugar de memória e, cuja continuidade, parte sempre de um compromisso e da vontade de manter a ligação entre os participantes e o Museu.

Em 2024, as sessões realizadas no âmbito de projetos educativos de mediação cultural apresentaram um aumento, revelando estatisticamente o mesmo número de que a tradicional visita guiada ao museu, como podemos verificar no gráfico número 1. Para nós, é revelador de que há um interesse por parte do público em conhecer e aprofundar o conhecimento em relação ao museu, revelando-se o estabelecimento da premissa de que uma única visita ao museu é insuficiente para a fruição do mesmo.

Igualmente, em relação a tipologia dos públicos que nos visitam assistimos a alterações nas tendências estatísticas. Tradicionalmente, o Serviço Educativo do Museu Quinta das Cruzes tinha maior procura pelo público escolar - desde o pré-escolar ao ensino superior - sendo o ensino básico, o nível de ensino que sempre se destacou na procura por atividades de educação museal.

Todavia, nos últimos anos, e especialmente, em 2024, verificamos uma mudança nessa tendência e, pela primeira vez, o público adulto e sénior representam 54% dos participantes atendidos pelo Serviço Educativo do Museu.

Estes dados revelam uma mudança de paradigma quanto àqueles que nos visitam e a forma como o museu se tem adaptado a novos públicos e à evolução da própria sociedade. De facto, com o aumento da esperança média de vida, verificado ao longo das últimas décadas, e o crescimento das respostas sociais de apoio ao público sénior, promovendo um envelhecimento ativo e autónomo, integrando políticas de educação e de cultura acessíveis, as instituições culturais tornaram-se parceiros ativos nesta nova dinâmica social afetando positivamente o processo de mediação cultural em contexto museológico.

Podemos concluir referindo que o trabalho de mediação cultural em museus constitui uma prática essencial para a ampliação do acesso, a promoção da diversidade, da inclusão e a renovação das narrativas museológicas. A sua importância num museu vocacionado para as artes decorativas reside na capacidade de criar pontes entre objetos historicamente distantes do quotidiano atual e as múltiplas identidades da sociedade contemporânea. Ao apostar em projetos de mediação cultural, os museus não apenas educam, mas também constroem novos sentidos para o património, estimulando uma sociedade culturalmente crítica e socialmente comprometida.

Em tempos de "rápidas transformações", como somos convidados a refletir este ano, no âmbito das comemorações do Dia Internacional dos Museus, o contacto com o património artístico torna-se uma poderosa ferramenta de construção de identidade, empatia e diálogo intercultural. Projetos que envolvem as comunidades locais, escolas, instituições de solidariedade social, entre outros, mostram que o museu pode atuar como agente transformador da realidade e sobretudo promotor de um desenvolvimento cultural sustentável.

A mediação cultural em museus de arte decorativa representa, assim, uma das frentes mais promissoras para a democratização do acesso à cultura. Ao conectar o passado ao presente e o objeto ao indivíduo, ela permite que o museu seja, não apenas um espaço de contemplação, mas também de escuta, aprendizagem e transformação social. Investir nesta função museológica é, portanto, investir na formação de uma sociedade mais informada e sensível à salvaguarda e preservação do nosso património e da nossa memória.

GRAFICO 1
ATIVIDADES MQC 2024

- Visitas guiadas
- Projetos de mediação cultural
- Outras atividades educativas

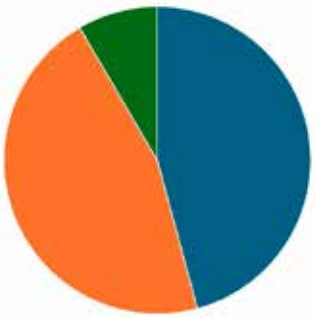
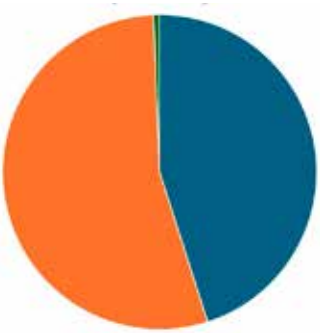


GRAFICO 2
PÚBLICOS MQC 2024

- Público escolar
- Adultos e Sénior
- Estrangeiro



Bibliografia

DESVALLÉES, A., & Mairesse, F. (2013). Conceitos-chave de museologia. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo.

FREIRE, P. (1987). Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Hall, S. (1997). A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A.

JANES, R. R. (2009). Museums in a Troubled World: Renewal, Irrelevance or Collapse? London: Routledge.

UNESCO (2009). Framework for Cultural Statistics. Montreal: UNESCO Institute for Statistics.

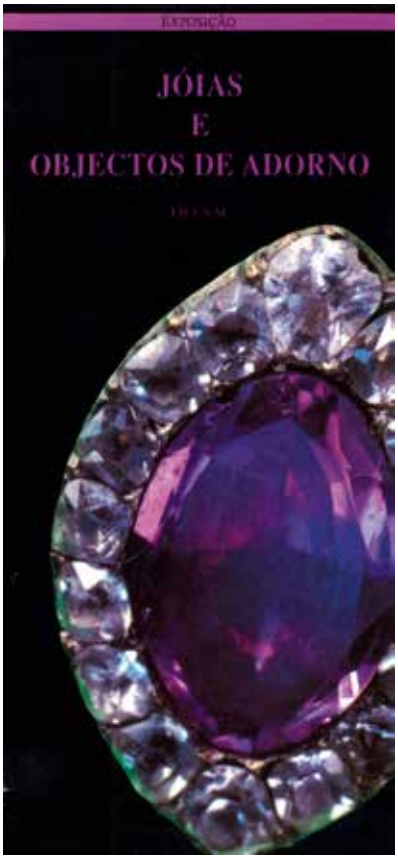
GUARNIERI, W. R. C. (2010). Museu: uma organização em face das expectativas do mundo atual. En M. C. Bruno, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. (p. 45-56). São Paulo, Brasil: ICOM Comitê Brasileiro.

VARINE, H. de (2001). Les racines du futur: la culture comme projet de société. Paris: Fondation Charles Léopold Mayer.

JESSICA GOMES SILVA
Técnica Superior do MQC
História e Investigação

Um postal, uma história: *A coleção de Jóias e Objetos de Adorno*

"A jóia esteve sempre ligada à vida do homem, evocando datas, marcando acontecimentos, recordando factos, tristes ou alegres, vulgares ou grandiosos, profundos ou superficiais – por isso as jóias são sempre o reflexo do gosto e da maneira de viver de um indivíduo, de um grupo, de uma sociedade ou de toda uma época."[1]



Catálogo de Exposição
Jóias e Objectos de Adorno
N.º de Registo: MQC01972

Nesta edição, a Biblioteca do Museu Quinta das Cruzes inaugura uma rubrica anual designada por "*Um postal, uma história*" – cuja finalidade é recordar um determinado evento e/ou acontecimento do Museu Quinta das Cruzes, mediante um conjunto de postais, que pertencem ao seu fundo bibliográfico e documental. Neste artigo, recuamos até a exposição realizada pelo Núcleo Museológico do Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira, sob o tema de "(…) *jóias e objetos de adorno* (…)", em 1997, constando no catálogo de exposição algumas peças pertencentes à coleção do Museu Quinta das Cruzes. Anos mais tarde, na sala 11 foi inaugurada uma exposição permanente sobre a mesma temática.

No ano de 1997, o Núcleo Museológico do Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira (I.B.T.A.M) inaugurou uma exposição temporária, sobre "*Jóias e Objectos de Adorno",* complementando outra exposição intitulada "«*Uma visita à Madeira Romântica*»"[2]. Segundo Francisco Clode, o objetivo era "(…) *inaugurar ambas as exposições* [e] *criar um efeito de relação entre o bordado Madeira, o traje de época e as jóias e objectos de adorno* (…)" [3], integrando peças desde o século XVII até ao século XIX, para recriar o ambiente caraterístico da Ilha da Madeira, no século XIX.[4] As peças expostas pertenciam ao Núcleo Museológico do Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira, aos colecionadores privados, à Câmara Municipal do Funchal e, por último, ao Museu Quinta das Cruzes. Francisco Clode reforça a importância do contributo do museu nesta exibição:

"(…) *esta exposição dá ainda a conhecer todo um conjunto de jóias, algumas delas advindas de colecções particulares e da colecção da Quinta das Cruzes, que apresentam inegável valor patrimonial e histórico.* (…)"[5]

Como resultado, foi elaborado um catálogo de exposição – "*Jóias e Objectos de Adorno*" (MQC01972) – no qual apresenta uma breve explicação sobre a temática ao longo dos séculos e um conjunto de postais temáticos (como se pode observar nas Imagens 2 a 7).

Posteriormente, no dia 18 de maio de 2001, no âmbito das comemorações do Dia Internacional dos Museus, foi inaugurado a exposição permanente – "*Jóias e Objectos de Adorno da Colecção do Museu*" [6], na sala 11. Segundo a diretora do Museu Quinta das Cruzes, Dr.ª Teresa Pais,

1 D'OREY, Leonor. – *Cinco séculos de joalharia: Museu Nacional de Arte Antiga*, p.10.
2 I.B.T.A.M – *Jóias e Objectos de Adorno*, pp.5-6.
3 *Diário de Notícias da Madeira,*28 de maio de 1997, n. º48999.
4 *Ibidem*; *Jornal da Madeira*, 28 de maio de 1997, n.º 20353.
5 *Diário de Notícias da Madeira,*28 de maio de 1997, n.º 48999.
6 *Diário de Notícias da Madeira,* 16 de maio de 2001, n.º 40442; Jornal da Madeira,19 de maio de 2001, n.º 21788.

Imagem 2 –postal com a peça: 'Miniatura'
N.º de Inventário: MQC1352

Imagem 3 –postal com a peça: 'Par de Brincos'
N.º de Inventário: MQC659

"*Estão expostos medalhões com retratos em miniatura, peças trabalhadas apenas com ouro e outras com pedras preciosas e semi-preciosas vindas do Brasil, relógios, alfinetes usados pelas senhoras e senhores, polvilheiras, pentes com aplicações de camafeus e pedras coloridas, leques e ainda espelhos que fazem parte da colecção do museu.*"[7]

Estes objetos pertencem à coleção doada pelo ourives César Filipe Gomes, que as reuniu entre os anos de 1946 e 1972.[8] O periódico 'Jornal da Madeira' afirma que as peças "(…) *estiveram a ser investigadas e restauradas por especialistas nacionais em Lisboa, no Museu Nacional de Arte Antiga* (…)".[9]

Presentemente, esta coleção pode ser visitada, como já referido, na sala 11, denominada por "*Jóias e objectos de adorno dos séculos XVII-XIX"*. Esta sala já exibiu outros núcleos de artes decorativas como o "*Mobiliário Português do Século XVIII (estilo "D. José") e Faiança do Século XVIII*" [10] e o "*Quarto de Dormir*".

Atualmente, podem ser visitadas nas seguintes salas: "*Artes Decorativas Portuguesas do século XVII e XVIII*" (sala 5), "*Artes decorativas portuguesas e europeias do século XV-XVII. Mobiliário dito «Caixa-de-Açúcar»"* (sala 12) e "*Quarto de Dormir. Artes Decorativas Portuguesas e Inglesas do Século XIX"* (na sala 10), respetivamente). A coleção de joalharia é constituída por objetos de origem europeia e portuguesa, entre os séculos XVII a XIX. No caso português, a partir do século XVI, até ao final do século XVIII, um dos fatores do desenvolvimento da joalharia e ourivesaria ocorreu devido à profusão de ouro e gemas oriundas do território ultramarino, que se estendia desde o Oriente até o Ocidente. Nesta sala podem ser vislumbrados anéis, pendentes, brincos, fivelas, travessas, objetos de adorno, bilheteiras, miniaturas, povilheiras, entre outros.[11]Atualmente, o catálogo de exposição "*Jóias e Objectos de Adorno*" (Imagem 1) e o conjunto de postais (Imagem 2 a 7) podem ser consultados presencialmente na Biblioteca do Museu Quinta das Cruzes.

Imagem 4 –postal com a peça: 'Alfinete'
N.º de Inventário: MQC695

7 *Jornal da Madeira,* 19 de maio de 2001, n.º 21788.

8 *Diário de Notícias da Madeira,* 16 de maio de 2001, n.º 40442.

9 *Jornal da Madeira,* 18 de maio de 2001, n.º 21787.

10 GONÇALVES. Ângela Borges; NUNES, Rui Sotero. – *Museu "Quinta das Cruzes",* pp.442-443.

11 Museu Quinta das Cruzes – *Apontamentos Culturais: "Joias e Objetos de Adorno".*

Bibliografia

CATÁLOGO DE EXPOSIÇÃO:

I.B.T.A.M – *Jóias e Objectos de Adorno*. Funchal: Secretaria Regional de Recursos Humanos. maio/junho de 1997.

MONOGRAFIA

D'OREY, Leonor. – *Cinco séculos de joalharia: Museu Nacional de Arte Antiga*. Lisboa: Instituto Português de Museus. 1995. ISBN 972-8137-33-8.

GONÇALVES. Ângela Borges; NUNES, Rui Sotero. – Museu "Quinta das Cruzes" in *Ilhas de Zargo: Adenda*. Funchal: Câmara Municipal do Funchal. Setembro de 1992. pp.435-443.

PERIÓDICOS:

Diário de Notícias da Madeira, [Em linha]. Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 28 de maio de 1997. nº48999. [Consult. 10-03-2025]. Disponível em URL: https://tinyurl.com/s3jhcty6.

Diário de Notícias da Madeira, [Em linha]. Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 16 de maio de 2001. nº40442. [Consult. 10-03-2025]. Disponível em URL: https://tinyurl.com/3huwwhf9.

Diário de Notícias da Madeira, [Em linha]. Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 18 de maio de 2001. nº40444. [Consult. 10-03-2025]. Disponível em URL: https://tinyurl.com/3yxfru84.

Jornal da Madeira, [Em linha]. Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 28 de maio de 1997. nº20353. [Consult. 10-03-2025]. Disponível em URL: https://tinyurl.com/4zss4adc.

Jornal da Madeira, [Em linha]. Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 17 de maio de 2001. nº21786. [Consult. 10-03-2025]. Disponível em URL: https://tinyurl.com/muscdmvw.

Jornal da Madeira, [Em linha]. Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 18 de maio de 2001. nº21787. [Consult. 10-03-2025]. Disponível em URL: https://tinyurl.com/2h6vv2hx.

Jornal da Madeira, [Em linha]. Funchal: Arquivo Regional da Madeira. 19 de maio de 2001. nº21788. [Consult. 10-03-2025]. Disponível em URL: https://tinyurl.com/2cyb2az3.

WEBLIOGRAFIA:

Museu Quinta das Cruzes – Apontamentos Culturais: "Joias e Objetos de Adorno". [Consult. 10-03-2025], Disponível em https://tinyurl.com/nv5jd7uh.

Imagem 5 –postal com a peça: 'Fecho de cintura'
N.º de Inventário: MQC712

Imagem 6 –postal com a peça: 'Trémulo'
N.º de Inventário: MQC706

Imagem 7 –postal com a peça: 'Par de Brincos'
N.º de Inventário: MQC698

FILIPA LEDEZMA
Licenciada em História
Em Estágio Profissional no MQC

EM FOCO

Os Jardins da Quinta das Cruzes

No âmbito do Estágio Profissional a decorrer no Serviço Educativo do Museu da Quinta das Cruzes, da licenciada em História, Filipa Ledezma, foi criado o folheto ***Os Jardins da Quinta das Cruzes***. Esta publicação inclui um mapa das principais espécies botânicas presentes no espaço ajardinado do MQC e tem como objetivo divulgar e valorizar o seu Património Natural, promovendo uma visita mais participativa, interativa e consciente da importância patrimonial do local.

Esta iniciativa integra-se no Projeto Educativo ***Museu Vivo*** e pretende reforçar o papel do Museu Quinta das Cruzes como um espaço dinâmico de aprendizagem, onde o Património Natural é reconhecido como parte integrante da experiência museológica e da missão educativa do museu.

O folheto ***Os Jardins da Quinta das Cruzes*** está disponível gratuitamente na portaria do museu e convida os visitantes a explorar, ao seu ritmo, a diversidade e beleza natural que compõe este jardim histórico.

Ficha Técnica

Projeto
Teresa Pais

Coordenação
Teresa Pais e Gabriela Nóbrega Neves

Design Gráfico
Márcio Ribeiro (coordenação),
Gonçalo Mendes e Pedro Clode

Colaboração especial
Eberhard Axel Wilhelm, Élia de Sousa
e Luís Timóteo Ferreira

Textos MQC
Filipa Ledezma, Gabriela Nóbrega Neves,
Jessica Gomes Silva, Joana Veiga França
e Teresa Pais

Revisão de Textos
Rita Rodrigues

Fotografias
©Arquivo MQC, ©ABM e Pedro Clode

Impressão
Serviços internos DRC

Edição
Museu Quinta das Cruzes | DRC
Funchal, 17 maio 2025

Siga-nos nas redes sociais:

mqc.madeira.gov.pt

MuseuQuintaDasCruzes

museu.quinta.das.cruzes

museu QUINTA DAS CRUZES

Calçada do Pico, nº 1
9000-206 FUNCHAL
Tel: 291 740 670 / **Fax:** 291 741 384
e-mail: mqc.drc.srtc@madeira.gov.pt

Região Autónoma da Madeira
Governo Regional

Secretaria Regional
de Turismo, Ambiente e Cultura
Direção Regional da Cultura